IMMATERIALE

MARA ROMARO

Figura 1 Illustratio 1

V0 – R07 edt 06 julho 2022 I Status: promptus I

"Refugio-me de mim. Refugio-me do coração sentido, comprimido da ausência, das coisas que nunca se realizaram, das marés que não vi. Refugio-me do ferimento de dor do amor, olhando ao longe tudo que esqueci. Olhando as belezas escondidas e retiradas da minha vida, como uma penalidade por nada que eu cometi. E assim como liberta da prisão me vejo em sonhos voando ao alto e sem nada, apenas meu olhar refreia, sobe e aderna para esquerda, acompanho o navegar lento de pequeno veleiro, vejo de cima riscos de giz em papel turquesa e vento me refresca, como suco de estrelas brancas; desço, em rasante mergulho de corpo nu nas primeiras ondas do veludo de prata e uma echarpe azul de espelho, dentro de você e tudo o que sinto, profundamente - no segundo mar e vivo."

"Causa mortis é senão o transbordar da vida

e o seu esvaziamento"

MARA ROMARO

AGRADECIMENTOS

Ao Mestre do Universo em seus braços a Mãe Natureza terrena. Por tantas maravilhas naturais, seres, existências, grandezas e suas manifestações e significados, profunda gratidão.

Ao meu grande amor, dono de meus vazios, minha boca, meu tempo, minha integridade, todo o gênero da minha alma, da liberdade à generosidade, a descoberta de seu ápice é sua profundidade, vagando os parsecs do infinito possível.

DESTAQUES LITERÁRIOS:

Terceiro Mar, O gosto do vento, Beijo dilacerado, Tocar da fragrância Idylle, Poderia, Tocar da Fragrância Passion.

INTENTO IMMATERIALE

| 04 abril 2022 | por Mara Romaro

Tendo sido um livro que sucedeu ao 'Conspectus', eu estava permeada de visões que ganhavam velocidade e horizonte do vácuo, do céu profundo do dia e da noite, entre as percepções que houveram me mudado enquanto relatava segredos, enquanto encontrava as palavras da caixa de veludo entre os valores que somente muito depois comecei a perceber a cadência dos passos desse processo entre minha vida, mente e espírito. O Immateriale faz alusão ao meu perpassar num túnel não de vento, mas de maresia dos céus, entre a presença doce do Sol, e as primeiras nuances apreendidas

nas pedras como incansável memória das eras. Luz âmbar da fuga da cegueira como o espaço sideral causado por uma estranha distância, inaceitável até então, entre prelúdio musical das ondas e da sinceridade do vento.

As flores que incorporam um champagne que emerge às alturas do florir desse coração, em espumas que não davam letras nem códigos de silêncio, nem decifração.

As águas que sempre assobiam o tempo perdido e as madeiras incongruentes do movimento de uma força de encaminhamento, o curso do rio, tantas possiblidades nas cores que o tempo registraria, nos rostos, nos corações desses rostos, nas dunas dos tecidos que se dobravam ao vento e à água do mar, entre aquilo que toca em ardência nos pés nus e no espírito do coração que veste a nudez do corpo. As lindas cores do figo maduro.

Imaterial sentimento que tem mãos e toque que transcendem qualquer dimensão. O dizer do coração e essa forma incolor. Tantas coisas que me aparentavam imateriais, mas que eram sensações da pele, da tez, do calor e frio, o lábio e o dedo que o consome, como uma explosão invisível, efervescente.

Tantas emanações que o suor me empapava de enérgico viver e um fascínio incrível dos sentidos potencializados em volume gritante, como um entusiasmo sem palavra que o coubesse.

Queria contar o coração para que meu mar Mara.

INFORMATIVO: IMPORTANTES NOTAS CONSTAM DO POSFÁCIO E DESCRIÇÃO DAS ILUSTRAÇÕES NO *ILLUSTRATIO*.

Sumário

Agradecimentos 4
Destaques literários: 4
Intento Immateriale 4
Immateriale 9
Língua Transparente✠ 12
Primeira cria de amor 15
Somnifera – em lua âmbar✠ 16
Beijo doce do Sol 19
Mãe em Nuvens✠ 20
Vazio 22
Germinações do Mar 30
Primeiro Mar 30
I - Primeiro o mar 31
II - A viagem 33
III - A casa 34
IV - A primeira manhã 35
VI – Caminhada ao Mar 35
V - O almoço 42
VII - Almoço 43
Segundo Mar 43
I - Dormindo 43
II - Acordando 45
III - Segundo o mar 46
IV - Guarda-sol 51
V - O carro e os lençóis d’água 52
VI - Retorno 55
Terceiro Mar✠ 57

Rosas de vento Vermelho 60
Germinações do Prazer 62
I – Primeiro Grotão 62
II – Primeira Pedra.. 64
III – Primeira árvore caída 65
IV – Segunda Terra.. 67
V - Prelúdio de Amor.. 69
Intenso 71
O Gosto do Vento✠ 72
Mel de uma vida.. 77
Consequência da Permanência das Cores.................. 78
Traços do Sopro sob a língua - Rosto do vento........... 80
Folhas.. 84
Beijo dilacerado✠ 88
Fogo.. 92
Tocar da fragrância *Idylle* ✠ 94
Roda d’água Nunca 97
Ritual✠ 100
Diário dos dias nebulosos 103
I Diário dos dias nebulosos - Evolar 103
II Diário dos dias nebulosos – Dissipação.............. 105
III Diário dos dias nebulosos – Condensação noturna 108
IV Diário dos dias nebulosos – Precipitações......... 111
V Diário dos dias nebulosos – Apogeu do Halo...... 118
VI Diário dos dias nebulosos – Vésper Ocluso....... 122
Campo de Voo Livre de Pétalas Violetas 127
Sob o risco de uma caneta vermelha....................... 133

Quilo de maçã 136

Dança de Diadema de Luzes Diamante 141

Poderia 145

Eternidade 147

Tocar da fragrância *Passion* ✠ 150

Considerações Finais 156

Bastidores de ‘Folhas’ 156

Posfácio.. 160

Editorial.. 168

Ilustrattio.. 169

IMMATERIALE

| 11 Outubro 2018 0:35 | ao idílio

Olhar pensamento

seu tocar se faz onipresente

Uma *orbitância*[1] de átomos

Silêncio dos quarks[2] persistentes

Foco que percebe

o fluxo fluindo

raios rasgando vácuo

do espaço entredentes

Corte adaga

Amor afaga

Afoga

in brumae[3]

Áuspice[4] de toque

Mescla de *liquor* [5]

dos dizeres inauditos

dos prazeres malditos

---

[1] Neologismo por Mara, ato de estar sempre na ação própria de órbita, como se fosse sua vontade.
[2] Quark é uma partícula que compõe a matéria (a grosso modo) observada em área de confinamento, esse sentido de materialidade e de isolamento é o que vem a simbolizar, junto com uma alusão a um elemento que por si só não se constitui, por isso, uma das alusões que faço ao imaterial.
[3] Lat. solstício, com duplo sentido como bruma, um elemento voltado ao imaterial e o primeiro quanto a situação de distância.
[4] Áuspice: s.m. Áugure, arúspice, adivinho.
[5] do Lat.: Fluidez – atribui a significação de mistura de líquido, algo imaterial, simbolizando união.

Molhar do foco

_ Sentimento

Contrações Contramão

Distância em coágulos

Insanos quartos infinitamente

_ adjacentes

Toco o que persigo

como bruxo fugindo

Maio transcorrendo inócuo

neste estado latente

Morte afasta

Amar atraca

Amora

insumo

cúspide pulverizada

em janela de acrômica[6] cor

de sabores imperceptíveis

de uma explosão

encontro ogiva[7]

de partículas simultaneamente penetradas

O proferir autoconsome

---

[6] De acromia – onde apresenta palidez, tendência à ausência de cor nos glóbulos vermelhos, e no sentido de uma cor acromática com ausência de cor, como o preto, branco e tons de cinza. Pensado para este verso seria o preto, céu profundo, que poderia não obstante ser o branco, como representação de um firmamento sem materialidade de noite ou dia. Poderia ser cinza, também não se determinaria o tempo, o clima, o espaço, dando a consonância imaterial para visão da janela.

[7] a) figura característica gótica, formada pelo cruzamento de duas curvas. b) parte afilada de um corpo cilíndrico. – Duplo sentido para demonstrar uma propagação mútua e a explosão de algo que emite (neste caso) duas bolhas de fumaça que se deparam e se transpassam.

imódico[8] *imorso*[9]

como uma chama

impossível em vácuo

_ sua combustão

[8] De seu termo Lat. *Immodicus* - desmesurado

[9] Imorso – neologismo para o verbete Lat. *Immorsus* que significa mordido, excitado, estimulado. Tem a ligação com a mandíbula, cuja articulação é elemento de ligação. *Immorsatura* é ligação estrutural de paredes – Livro Latim Essencial. – No texto no sentido de estimulado, excitado e também de elemento de ligação forte como a mordida.

LÍNGUA TRANSPARENTE✠

| 23 Novembro 2018 23H | Mezanino | Estímulo: dança, áudio 10, frapê de coco | Música: 42, Guiding light – Mumford & Sons, unloveable – Heppner | Caderno de imbuia

É... Nas nove horas
Espada que gira-mundo em ardor
Flocos claros que
invadem seus passos ritmados
Os piados Os ruídos Gotas-chuvas
dizem uma voz sibilada do vulcão?
Caminho adernando o vento quente
Abrasador?
Suspiro os fogos de artifício
em cores sangradas em céu de leite frapê[10]
Calor dilatado do coração
Ebulição de palavras ferventes
tilintam calda invisível
O fogo imortal dança contorcendo a língua
Lâminas cortam
Látex que verte
Córtex que dói latente
Caminho incandescente
Pupila que voa
em gosto café com nata de coco

---

[10] Bebida de leite de coco com leite e açúcar batidos.

Paixão de amor em flores
de pétalas enfumaçadas
brandindo espadas
em ar feito louco
[Línguas de fogo nas luzes]
inexistentes das dez horas
Labaredam[11]
(Esquartejam)
Corações sangrados
Vaporizam sedas [tremuladas]
correndo sobre essas sombras
de sol [peneirado]
em pedaços de papel
grudados em saliva sob a língua

As labaredas
chamam[12] grudadas as falas
caladas no raiar de espadas
Íris que se dispersam na visão

Das línguas se deglutindo
dos amores fundidos
em única chama
[Plasmática][13]

---

[11] Termo novo autoral, que significa a ação de movimento e queima das labaredas de fogo.
[12] duplo sentido, de chamar e de provocar chamas, apenas com a sonoridade sutil.
[13] Colchete indica a leitura forte e eloquente. Parêntesis indica leitura suave e murmurada, por vezes uso para indicar termo opcional, omitido ou não, com dupla significação. Neste poema é relativo à força da leitura.

(Asmática)
em luta esgrima
no evaporar da última [lágrima]
no coração das chamas
na rua paraíso de inferno na esquina
cada ser em perpendicular descaso
cada um de um lado sentado
na exaustão do fogo de chão
cercado dos carvões abrasados[14]
chamas siamesas enfurecidas
meio a marfins brilhantes
Olhos de tigre[15] etéreos
em derretidas ilusões

Amor propagado
Vento parado na estrada do mar
Vermelho
de Sol caído
blusa rasgada
[Faíscas]
em rajada de fogo

Assim o incêndio tomou
meu rosto meu cabelo meu dorso
(O pó de fragmentos)
Voou

---

[14] Induzir a um duplo sentido de abrasado e abraçado pela sonoridade.
[15] Refiro-me à gema de pedra que tem coloração acesa que imita os próprios olhos do tigre. Simboliza ambas as coisas, pois trata-se da cor que acesa lembraria um raio de chama ou do sol no escuro. Também a agudeza da visão.

em línguas siamesas[16]

(pensamento de amor)

Ecoou

[Em chamas invisíveis]

Beijou

PRIMEIRA CRIA DE AMOR

| 24 Setembro 2018 10:09 | caderneta papel fotográfico

Mãozinha que anela dedo

Bolinhas de vestido azul

Passinhos joão-bobo

Sorriso de refúgio

Perfume de vento forte

Chuva benéfica de primavera

Jabuticabas frágeis

Sonhos de mãos dadas

Hiato desencontrado

de gêiseres desbotados

dos brilhos que

tocam o céu

---

[16] Siamês – Siamesa – PS - N.A. – este termo, logicamente pode até abranger o gato, o Sião, mas não parece ser esse sentido. É, pelo que me recordo, a primeira citação desse termo, que foi originado para irmãos siameses ou gêmeos xipófagos, que por origem relembra os irmãos Chang e Eng, ligados pelo abdome, que tiveram essa ligação a vida inteira, que eram do Reino Rattanakosin, Tailândia, que começava a fulgurar para mim um tipo de elo, imaterial e invisível, que naquela época detinha ligação com F, através das línguas aos corações. Futuramente isso se torna uma visagem, como predizer, significando um pesadelo.

(Illustratio 2)

SOMNIFERA – EM LUA âmBAR

| 1 Dezembro 2018 0:13

Ar me girava em braços estendidos
Pés arredondados em sapatilhas amarelas
Não vi ou vi um anoitecer em florido lacustre
Espelhos com céu viajado de palhacinhos dependurados
Caminhei encortinada tocada por parasitas escorridas
Gelos derretidos Grisalhas vestes me inundavam
Vi brilhos do cabelo soerguerem
Fisguei o peixe azul – Ah – Só eram esmaltes descascados
de uma noite que caiu
Deitei próxima a um grotão

Havia meu alguém
para em quatro olhares construírem-se nuvens
Alguém moldada em penugem lobo-guará
Nuvens derretidas em pequenos gelos cristalizados
Paredes de vidro perpendiculares
Escorriam as águas leitosas do verão
_ pelas cores bordadas em forma de laço
_ como um bico *gorjeante* na manga
Lento Lento como passeio das nuvens
_ evaporadas em miçangas
Demorei todo o gerúndio a repousar a cabeça
no peito janela do horizonte

Palpitante coração em chocolate mordido
Quietude envidraçada em palmas
_ face a face repousadas

Você viu aquela cor atravessada em lança
em uva de gemas semipreciosas?
Seriam fubecas ou uvas rubis?

Um zunido do açoite da chuva forte
arremetida em dedos dedilhados em piano

Você viu as gotas em cores vindo em
nosso olhar em sorte?

Como uma anunciação

Reluzir de pingos de rútilo[17] vidro
ao chão partidos
    (um respirar morno)
    (brisa a *embaumer la lavande*)
Não havia nada
Nas poças morriam cores
com chuva de dolomitos[18]
água marrom – lutulentas[19]
os respingos que gota a gota
desfaziam a cerâmica da sua face
Mãos de penas de asas
Acarinhava tentando conter com minha boca
tudo que se derretia

Escorria em sulcos brandos
um murmúrio cego
eu escutava um arfar
como esvoaçado tecido
planando nos horizontes de
muitas luas penduradas
em fios-cabelo prateados brilhantes
das quinas dos dentes sorrisos

Agora é o sonho do mato
derrete em seu gosto
lentamente canta uma música
perfumando o palato

---

[17] Refere-se à pedra rutilo e ao significado brilhante.
[18] Calcário maciço com depósitos de gipsos e sal-gema, que possuem tom marrom pálido.
[19] Termo originado do latim – lodosas.

O céu de chuva
Luzes piscantes das gotas arremetidas
Senti acordar
imersa em dunas de plumas
do corpo que se desfez
com um resto de gosto áspero
argiloso *solidum*
cacau licoroso em *frangelico*
degustado em céu amendoado
do olhar perdido a assoprar
em mármore ouvido

BEIJO DOCE DO SOL

| 5 Dezembro 2018 | hora do almoço | Música: Afterglow –Gary B | caderneta Papel Fotográfico, à Pamonha

Comi do beijo doce
Inundou-me de cálida calda
Papa de pétala
Grânulos macios deslizavam
minhas papilas com
sorriso de sabor
Havia um pedaço de Sol
Derretido em manjar girassol
encolhido e vestido
de cueiro de folhas
lisas e listradas

Em minha boca
Parecia gosto de nuvens
em flocos de neve doce
_ de pólen
Promessa de germinação
Luz Meio-Dia
Calor frito em óleo quente
Raios infravermelhos *umami*[20]
Sabres de luz de olho de gato
Ouro doce derretido
Em nuvens aglutinadas
desciam minha gárgula[21]
amarelando meu coração
Milho verde empalidecido
Amolecida pamonha
de luteína visão

MÃE EM NUVENS✠

| 5 Dezembro 2018 manhã Parque das águas | Música: Lluvia | Caderneta Papel Fotográfico | Presença profunda do vazio permanente, imanente. Percepção aguçada em abstração de imagem e sensação tátil. Estímulo olhar da claridade sem lentes. Fases Novam Scripturam (Mara Romaro) - Nihil, elucubração, amadurecimento e refinamento.

---

[20] Do japonês旨味, um dos cinco gostos básicos do paladar humano. Aqui no sentido de *Umai* – 'delicioso', Mi – 'gosto', sabor delicioso.
[21] A simbolizar a garganta, como desaguadouro, escoadouro, de parte saliente do telhado com ornatos de figuras assustadoras, dessa figura se derramariam as luzes dos raios do sol pela fenda da boca.

Céu descabelado
Um olhar branco de afago
Colo azul profundo
Mãos que me colhem o rosto
Tiram framboesas do meu
murmurar de lábio inferior
Um cavalgar livre
Enfumaçadas brancas
De mãos ágeis
Descem lentamente
Suas brumas de luz
_ (sem lamento)
Tocam em olhar
Nas faces superiores
da maçã do rosto

Diz-me
Mãe em Nuvens
me acorda e me desenha
Lava-me tecidos de alma
das pétalas de jasmins-manga
nos jardins abandonados
Flutuo em seu peito
Adormeço
uma vez mais
num acalentar antigo
Mãe em Nuvens
em flocos dissolvidos
em brilhantes flocos

despedaçados nacos
de pão sovado
no relento do rebento
Água plácida garoada
de amor simples
Contornado
pelas fronteiras do meu rosto
Mãe em Nuvens
arrebatada em vento quente
em infinito firmamento
Olho aquiescida
filha em lúmens
renascida

VAZIO

| 20 DEZEMBRO 2018 | CADERNO CAPA DE MADEIRA VACUUM

Estremeceu
Do chão – Da cabeça aos pés
O andar sem eco
Som *impropagável*[22]
Balões de propano
Dirigíveis rasgados pelo raio
Andar flutuado
Comi das cores e me afoguei nas faltantes

---

[22] impropagável – neologismo por mim mesma, significa não propagável.

Calou
como a calma em falta paz
Aquele minuto que nunca acabou
Rasguei o coração
chamuscado de cinza apagada
Ferrugem de feno ou vento parado
que o estacou?

Frio enrijecido
do rosto petrificado e frio
grudado ao vidro
esperando uma imagem de lente
que trouxesse
aquele quem
aquele ausente
um ser pausado
em sono aparente

Encontrava
os espaços vazios
banheiros vagos
aquela coisa querida
em estomago vazio
Pausa de dor
O murchar do ventrículo
Marca da ferida
Rasgo cerzido
Meus olhos cozidos, nus, distantes
A realidade conflitante
Pé de meia perdido

Olhava
os vultos que mudos
a passos cegos
passavam insones
sem tropeços e incólumes
A dança lenta do nascer dos cogumelos
As roupas caídas da beira da cama
Colchão afundado sem quem
alguém suado
curvado com sorriso corcunda apagado
Uma sombra de fantasma

Vazio sangue
ferido coagulado
emudecido em vasos de xaxim
A pena esquecida
O músculo necrosado abatido

O querer
flutuar
do ar ao céu de comer
o escutar grunhir
estalidos das salivas partidas
minúsculas bolhas desfeitas no engolir
o suspiro morno e rebelde
o gérmen
uma célula bipartida
o ponteiro caído
na hora da pilha acabada

Estremeceu
do chão à montanha
noite sem tempo sem sono sem paz
pedras que tremeram e ficaram no abismo
na esquina o tiro na cara
a tempestade do desterro
os destroços desconhecidos
o par faltante
voz calada elegante

Proximidade desconhecida
Paradeiro desvairado
Memória apagada

Vazio (`) a espera
meia luz
no vácuo
do vento de explosão solar
noite apagada de nuvens

[Lágrimas][23] secas em vidraças
Força que se propagou em rodas d'água
Força da fome
andar sonâmbulo do pijama sem dono
Respostas perdidas em endereços errados

Uma voz apagada

---

[23] Leitura da palavra entre chaves com impacto.

o morrer do dia
no Sol ensanguentado

Minha dor lancinante
momento oscilante do pêndulo
o lugar fora do mapa
Um feto mumificado
numa trompa extirpada
Caracol da samambaia
esturricado o coitado
do Sol deitado

Os dias insuportáveis
da sede nos oásis secos

Estremeceu
a noite que nunca passou
a mão que nunca tirou o fio de cabelo do seu rosto
o fio de cabelo que não amarrou-se
ao ouvido atento
ouvido o som do estrondo
sem alento – apenas o medo
no breu enquanto a luz não se propaga
não se propaga a existência levitante
a céu que
subiu ao profundo céu
que dos planisférios se perdeu
ausentou
tão arrancado foi
que as raízes foram estéreis

por todas as vidas futuras

Chão pedregoso
com buracos de pedras que dali se evadiram
ao alto das montanhas
nenhum suspiro se escutou
a neve poderia ser areia de vidro estilhaçado

Havia perdido algo
que ali não estava
Nada era igual

E o silêncio se silencia
cantando uma lembrança esquecida
a palavra que vem quase para a língua
O pensamento e nome
que fico no escuro de todas as
insônias no escuro da cegueira
no escuro do escuro da cor morta
tentando saber seu nome
pegar meu coração
dar corda em uma borboleta
que vira e vira
e a cadência cadencia
gato mia Chuva chia
Pétala mordida
Boca sentida
Fala calada ouvida
e o amor de vento outono
abraçado dentro do umbigo

Vazio Vazio
de porta fechada
chave caída da fechadura
As poeiras lembradas
O braseiro adormecido
sonhando que sono veio

Vazio frio de braços de água
de pele derretida nas neblinas brancas
e murchas de Sol atrasado
e opaco
(Tez de êxtase sonolento)
Vazio ambíguo do transcorrer das ondas
por todo espaço desprovido
sem som
sem cor
sem momento
Uma paz esvaziada de si mesma
Um amor arrancado
de nervuras calejadas
de espinhos quebrados
nos pés de passarinhos mutilados

Amor arrancado
com suas terminações arrebentadas
e um movimento incapacitado
por instante o sentir sente quase nada

Vazio inutilmente

não se esquece
o esplendor da vida
exuberância da flor
suavidade do anjo
beleza do olhar encontrado
serenidade da voz do amanhecer
ternura do amor querido
sono tranquilo
sonho sonhado
Amor soprado no ouvido

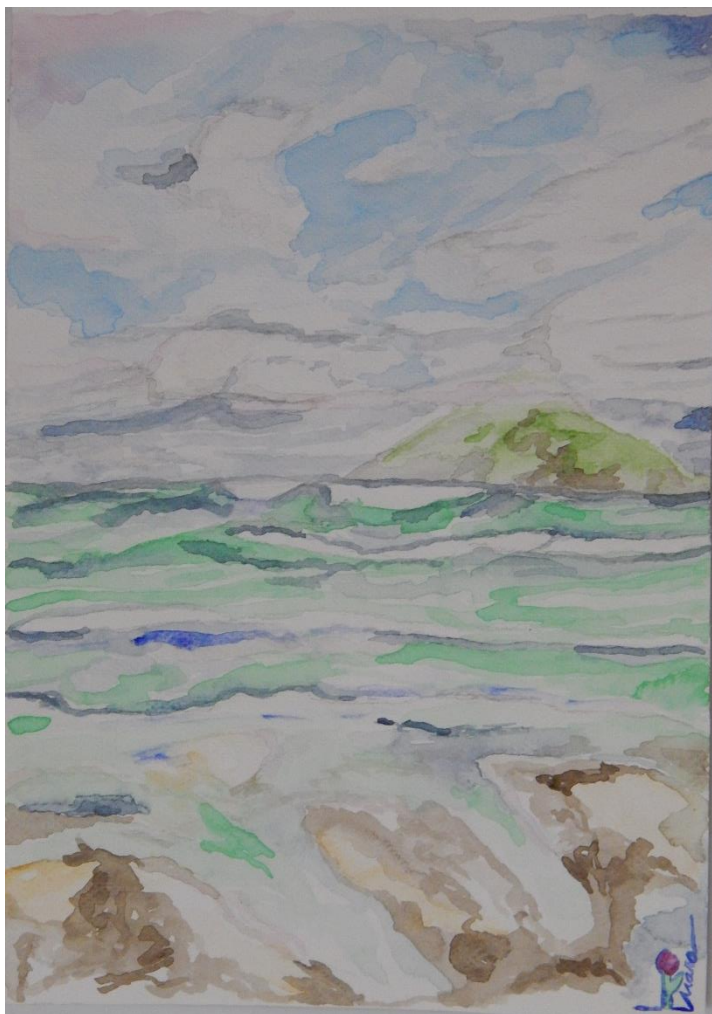
Estremeceu
estampidos da queima
fagulhas acesas
Trovão adormecido
Eu fui engolida
através desse vidro

O dedo que toca o fio de cabelo

GERMINAÇÕES DO MAR

PRIMEIRO MAR

|13 Dezembro 2018 22:01 | Música: The love dancing, Stay – Triangle Sun, Waves – Sten Erland Hermundstad, Kissing – Bliss, Falling Ocean – Chad Lawson, Sehnsucht – Thomas Lemmer, Snapiness – Blank & Jones, Much too Much – Andain, Water under the bridge – Adele | Estímulos: Dança | Baseado em áudios 20181116_almoço 20181116_Almoço 20181117_Mar, 20181117_Casa de Praia |Bertioga Feriadão de Novembro, com Gi, Su, Lin, Nai, LH e eu, faltou Bru e faltou o retorno

I - PRIMEIRO O MAR

[Illustratio 1]

Meus olhos saltaram a dançar
como se eu vestisse aquele meu antigo vestido de verniz
meu filho me trouxe as estrelas

a menina - as flores

Vento da promessa com meus devaneios

água dançando-me encantos gotejando murmúrios ploc plic plu

banho aquecido do chuveiro

Pés que chutam o ar da alegria de ir ao mar

Antes de mais nada a voz cheia do meu filho

_Mãe pegamos uma casa para ir lá no feriadão _Sério?

Curvas Cerebelo em corais de puro pôr do sol

já costurando as sacolas de panos de levar chapéus azuis

lenço das piscinas naturais

Num átimo eu arrumava tudo mentalmente

Tudo que precisava e que queria

_Mãe, a gente vai se encontrar lá

Enquanto o pai tecia vai e vem em problemáticas

Tudo que me dizia, era um caminhar ao amanhecer nas areias

Tudo que me desenhava eram tintas líquidas em bloco A5

Guarda o sol! Guarda a chuva! Chama ao longe, um sol de vestido.

Arria a Lua Arria

um tapete limpo de água calada em lindos achegamentos

ao mar

Uma vela tremula noite em parafina sangrada do tempo

Uma vela de perfil aceso, me conta os passos não dados a ver o mar

Uma vela sem pavio de nunca mais, as gotas queimadas solidificando

Uma vela em dia de temporal em venezianas com frestas de sol

Uma vela afogada em assopro

II - A VIAGEM

Uma dor breve do tremular dos pneus

A corredeira desatada de águas daqui

De repente no pequeno alumiar tudo deixado pra trás

Um vidro me reflete os cabelos chorados os desgostos

Um vidro me percebe as viagens das idas infindas ao nada

E na claridade azul arroxeada dá sorriso de estanho

Lembrava-me os desenhos incompletos e as frases inexatas

Lembrava-me o tanto sacrifício e ruas que me comiam as solas dos pés de pano

A dor comigo e o não também

O vazio antigo e o arrepio do além

Curvas e guias e um mato fugindo correndo por entre a pressa

Turvas visões e um gato dormindo escorrendo por entre meus dedos

esquecidos em casa com cuidados do meu querido sobrinho

Lá chegamos, um papo animado, uma frondosa casa

Jardim de plantas de senhoras

Jasmim e hibiscos armazenando pingos da chuva à meia-sombra

Mas...

Primeiro o mar

Primeiro o andar e a tarde, antes de mais nada, o mar

que pule a ordem das coisas, primeiro o mar depois o tempo

depois a vez depois a tez depois o gole depois o som

tudo dentro do chinelo cozido em restos das pedras-montanha

_Você uma poeta? _Pois não. A que sirvo? Sou mãe de três que parecem cinco

Assim em areia de bronze em sino derretido

entreguei meus suores e pensamentos nesse aleitamento

entre sorrisos estelares do firmamento

_Conseguiu depois desse tanto sofrimento

As primeiras ondas em primeiro mar

Primeiro riso que o pranto escolhido a retirar dos olhos

Os brilhos tímidos do seu torcer tocavam-me beirando meu joelho

Calmamente subiam e desciam tornozelo como mãos

Seguravam meu pé como um triunfo da flor que de botão voou

III - A CASA

Uma sinfonia de novos passarinhos

Abre porta e fecha porta

Filha Filha Filha Filho Pai num ping-pong de frases

Chuveiro que liga e desliga Toalha que desfralda e recai sobre a mesa

Cafeteira ebole chiando borbulhas e arroto de café torrado suado em sauna

Tilintar das xícaras saindo à torneira vestidas a um pequeno manto de bolor

O fechar bufante da porta da geladeira

Um tloque de abrir lata de cerveja

Um vento noroeste que atravessa de canto a canto

uma canção imaginada

uma lembrança confirmada

areias impregnadas

meu sonho de você em repousar esvoaçante como lenço flutuado

IV - A PRIMEIRA MANHã

Era para andar na primeira hora

O atraso me barrou à porta

Emaranhados uns nos outros

no desajeito da preguiça enquanto uma brisa infinita com brilho de pérola

aproveita suas horas de cômodo monólogo

Colheres que vão à mesa

e o séquito dos pães e frutas

enquanto a xícara embarrigada de café preto

eu derramo uma colher de açúcar

caem areinhas sobre a toalha – eu não ligo

beijo o canto liso da caneca inox escovado

Sacola pronta Pernas pulsantes impaciência

Chinelos para que te quero?

As ruas areníticas empoçadas das lamas das chuvas

O ar prometendo o verão

VI – CAMINHADA AO MAR

| ÁUDIO MAR

Sol de prata

Lençóis de seda transparente ocultando silhueta de vento desaparecido

Amor que eu ebula na efervescência daquelas mãos de água resfriada

Amor que evapore sobre gizes apagados de olhar emaranhado

A boca que guardo nos lábios despertos do coração revoado

Passos nas suas águas de grotão desaparecido

guardado em cavernas profundas do seu olhar olhar olhar

disperso em vazio

Rugido exasperado de adormecidas águas

Leoa *dormilicando* como montanha afogada

Força Força sua em rebeldia de cabelo

_ Andando aqui na praia depois de tanto tempo que eu queria fazer isso. E o céu está começando a se abrir, então a própria areia está prateada. Me lembra um lugar da infância um pouquinho, com os meus pais. Pareceu muito assim. Eu estou ao ar livre e eu nem sei se essa gravação vai captar minha voz.

_ Queria guardar esse som do mar para mim.

_ Lembrar esse momento com as conchas da beira-mar

_ Vestir-me d'uma camiseta de calma

Chiuuuuuuuuuuu Rhuuuuuuuu

_Eu estou na véspera do lançamento do meu livro Vipassana, hoje é dia 17 de novembro de 2018

Como um barulho de saliva mastigada

os passos n'água perturbam

o caminho dos desencontros

beijos dissolvidos

desejos apagados na areia

lambida

pela língua de amor dormente

Pés frios Sofrimento velejando

a mente

_ Aqui é uma praia extensa em Bertioga

_Hoje o mar um pouco mais bravo

Murmúrios das areias náufragas

Um sopro de fôlego de tenor espichado

Vento e as fagulhas brancas acesas d'águas

Chamas feitas de nuvens assopradas na arrebentação

Os meus pés caminhando nas pequenas águas que abrem

em abraços generosos de um sopro tira-cisco

_ Esse horário, antes das noves da manhã, tem pouca gente

Tcheque Tcheque Tchique Tchoploc Tcheque Tcheque Tcheque

Visto biquíni azul infinito dos passos pairados

_ Bom dia!! Bom dia

_ Ai que coisa linda, e apesar de ser um feriado não está extremamente lotado. Bom dia!!!

Com as mãos encovo as águas brancas soergo os braços

e depois me levanto alisando minha alma de todos amassos

_ Meu marido não quer molhar o pé. Hahahaha.

_ O mais legal é isso. Molhar o pé. Eu vim com meus filhos

O peito esbarra no hálito de união de céu e oceano bem nos brilhos

São palavras murchas e incrustadas de corais embrulhadas em anêmonas

São os gestos despretensiosos de afeto que escaparam de abismos

São vozes dos pensamentos perdidos e o gorjeio dos desejos

São a coragem que espreita e corta o gelo liquefeito

E rouba furtivamente um devaneio em abrolhos

amarrados nas franjas dessa echarpe azul

As vontades livres choradas são escondidas

magicamente na onda mais noiva bordada com a pérola perdida

_ Está tão divertido veio a namorada do meu filho e jantamos. Apesar que passei um pouco mal. Eu já 'tou bem, tomei um chá das esmeraldas plantadas em meu quintal, antes de me esconder nos lençóis e me sentir boiar nas nuvens, acordei na revoada delas como se fosse almas-pássaros. Eu me ressinto; meu momento é rede-pesca com os enroscos da ressaca do sempre em mar profundo. Bom dia!!

_ Tem nuvens, esses dias choveu por aqui, e há nuvens assim que estão como flocos cobrindo a montanha, mas a montanha lá na frente da cidade ela está descoberta hoje. E lá para o mar está um rosto azul muito muito pálido e seus fios grisalhos por cima assim, ventados e esparsos, e seus olhos água marinha a gente não sabe se vai abrir ou se vai cerrar. Não sei o que pode nem o que se passa nos pensamentos do coração marítimo e se ele vestirá um casaco cinza de pelo de urso polar para tempestuar. E eu recitei aos meus filhos, versos de despertar súbito, mas eles não sabem os regozijos de beira-mar confinado num longo exílio de década

_Então é uma praia de ouro dos dias refrescantes e oásis abençoado em meu deserto sem caminho de amor. Lá está a uns trinta metros meu queridão. Estou tão feliz!

A tosse das ondas, estas em humor esfuziante, um engasgo de mergulho raso

Voz sibila nos ouvidos palavras inaudíveis que nunca me disse. O mar tenta me dizer. Lábios que morreram em

cantos costurados na revolta cortina de nuvens, carinhos contidos em decantado sofrer em negras fossas abissais por vezes em vaga luz de seres inimagináveis coloridos e recolhidos das chuvas densas de olhar castanho meu, fustigado de maresia em um halo que encontra em sol bipartido

_ É que eu quero pisar na superfície molhada

dos degelos dos sonhos antigos

cantados na sua voz abafada. Uma delícia!

Profiro palavras correndo os dedos no remexido de areal escorrido

Em gaivotas ao imenso continuo dizendo: _ Eu costumo pensar que o melhor lugar do mundo sou eu, aí onde eu estou eu procuro me sentir bem, me sentir agradecida. Agora olhando pra trás, o Sol se esgueira pela rotunda e nos estende tons ainda cinzas porque está cedo, cinza esverdeado porque não é bem o cinza chumbo, é um brilho branco azulado. Ah eu coletei tantas impressões (saio me dizendo entusiasticamente) para poder dizer mais. Ah se eu pudesse conhecer outros lugares, viajar, que legal que seria. Costumo dizer que eu posso resolver minha vida se eu ganhar na loteria para jogar na loteria e ganhar. Ou seja, nunca eu vou resolver

O riso em si, na esquecida nota amanhecida de uma fragrância perdurada nas frutas e pétalas em acúmulos invisíveis

O sorriso que manifesta o carinho tanto, as mãos engolidas do tocar decepado

Emana uma evaporação do meu eu Meu sonho Minha ânsia

feridas embainhadas de peles amortecidas

tudo por um instante desembaraçado

em meus lisos fios de cabelo em pontes pênseis de vidraria antiga

espadada pelas lanças de luzes de raios do Sol

O que eu daria se abraça na curva parabólica entre o mar

as constelações caídas na ilha solitária

em musgos tão magníficos flocados

sobre galhos intrincados longitudinais

Falava - os meus gostos saturados na língua

Falava - os sais coloridos dos sabores da pele derretida em chocolate boca

Falava mudamente com olhos guerreiros de triste imobilidade entre espaço e o infinito

sentir

O meu sorrir

encobertos de marolas de pijamas curtos

dos pés amorenados nos chinelos azuis

Das minhas mãos eu entregava tudo

Infinito que me sugava

Sons Palavras Respirar Espirro Tremor Arfar Laço do biquíni

Flor veleira de jasmins manga Flor ressequida em espadas desarmadas

Bico de ave recém-nascida Piado Eu entregava tudo Verso Valsa Sonho

Papéis lindos dos bombons derretidos e lambidos

Andava Andava A areia me comia

Minhas divagações

Com os dedos esticados eu entregava tudo

Das dores o seu umbigo

Das cores o seu domingo

Das flores meu carinho

Dos olhos minha vida

Àqueles pequenos flocos de nuvens ou de musgo ou de um limbo

Entregava às águas que levavam

Dos amores mil milhões de beijinhos

_ Deixa-me andar mais rápido

A areia planada no meu calcanhar em solavanco surdo

Meu coração hirto enquanto lá após a rotunda do céu a alma cadenciada batia

Amor quente de Sol ferido

O vento que empinava papagaios de gritinhos agudos em suas fitas da rabiola

Uhuuuuu bem de longe me dizia como adeus como até logo manhã vespertina

_ Bom dia!

Um rosnar de um bom dia sufocado em resposta vã

Ai, o amor queimava a pele durantes todas as noites que vivi

_ Ah só para terminar é Sábado! Ai que coisa legal porque eu fiz uma oração muito simples ontem e tive um jantar de família num lugar inusitado, a gente se divertiu muito, teria sido melhor se eu não tivesse passado mal né! Tive de voltar para casa. Mas hoje é *Shabbat* e eu estou pensando na gratidão de voar por aí, de dizer o que disse na vida, de amar assim, de vários amores, uns menininhos de cara suja, outros amores de braço espantalho, outros que são pássaros que fugiram no dia de domingo e sua memória nunca se apagou dos meus olhos. E por tudo que existe, que eu colho, recolho, descrevo e entrego como gosto que as palavras derramam na sua língua

_ e a gente precisa cuidar melhor disso tudo, sem produzir lixo

Chiiiiiiiiiii tchuaaaaaa pés que chapinhando

seguem as pegadas prévias que eles mesmos colocam

Águas farfalhando como fervura da saudade e amor que vivi

Olhei para trás

cada areia ganhava céu como se pássaros fossem

e levavam tudo lá para o firmamento ao amor

para que pudesse então ver

V - O ALMOçO

_Xiu! Como assim Xiu? Xiu é foda

_Agora só falta colocar o *macarroni*[24]

_Oi lindinha!

_Para de mexer no meu cabelo Mãe!

_Vai fazer com cas-ca? (Esconjuro caipirinha com casca)

Franzi os olhos da desaprovação

_Mãe você está buzinando (Me olhei onde os olhos esgueiravam sem encontrar a corneta)

_Nossa! Vocês não suportam uma crítica

_O quero-quero dela é só na hora de comer

_Está muito azedo. Põe mais pinga, mais limão e mais gelo. Limão não, mais açúcar.

_Oi, já deu o tempo? Tá marcando? O tempo?

_SinhÊ!

_Escorre aqui?

Risadinha huhuhuhuhuhu

_Olha aí o tempo zuzana

_Olha aí o tempo Zu- za- na (Remedei)

_Prá mim tá bom

Olhei com cara de bêbado enjoado

---

[24] macarroni – maneira própria de referenciar macarrão.

VII - ALMOçO

Ah! Pena que a caipirinha acabou

Nossa, capa da invisibilidade? O que é essa mancha branca? Oh meu filho, nunca poderei chamar você de moreno, só camarãozinho!

Entre os bancos e a mesa, os animados de conversa truncada, espuma de cerveja, a TV esquecida

Água Fervida

Comida Servida

Tilintar Esparramar de sono Peles vermelhas

Café chiado no bule

Açúcar derramado

Eu guardando louça

Chuveiro de banho Perfume de cheiro

Chuva que caía mansinho

pingando das folhas esse carinho

SEGUNDO MAR

| 15 Janeiro 2019 21:06 à 18 Janeiro 2019 0:15 | 20181118 Mar2 e 20181116 carro1 | Música: Chopin Evocations – Daniil Trifonov

I - DORMINDO

A noite que me adormeceu em seus braços, em braços alvos envoltos em uma roupagem de véus brancos em suave sussurro de grande distância das águas pacifica-

das e apascentadas em paliçadas emaranhadas destroçadas em ressacas mansas; ao ruído das faíscas morrendo em um carvoeiro de chamas apagadas do churrasco ocorrido animadamente antes, entre conversas iluminadas nas vozes das chamas que ora se erguiam ora amansavam entre o gotejar chiado fritado no imediato, enquanto lançava um olhar de fumaça em formas de carapuças de cogumelos a enevoar-nos as palavras truncadas, o piado estranho de uma coruja oculta, e os rostos abraseados em luzes laranjas com sombras negras, sonolentos já se aquietavam com meu olhar perdido buscando pequenos mares em conchas das folhas da cerca viva que ladeava o corredor ao rancho de fundo.

Um lumiar azulado chamou-me ao meu berço de ilusões, entre colchas e lençóis desarrumados em uma enorme boca onde eu me jazia por este átimo, com as mãos a tatear os franzidos das cobertas, olhando horizontalmente, passando meus dedos pelos minutos abrilhantados de algum batom inexistente.

A sombra que as formigas teciam entre miados abafados de um gatinho branco imiscuído por baixo de mato acorcundado fazendo uma toca, entre as pegadas lépidas de centopeias ávidas por material putrefato.

O sono me adormeceu a noite, em braços estirados de algum tempo perdido, em camaradagem de nossos céus descortinados em suave sussurro de uma avante ânsia, das mágoas pacificadas e arrebanhadas em terreno amplo sem fronte do olhar brilhante pálido, dos rostos cansados olhando-se dormindo com os sons líquidos correndo em uma água de brisa que paira no ar etéreo desse local que não o lar, que não o quarto, que não a praia, que não o agora, apenas um lampejo de um raio que fulgura as lembranças, dessa ou daquela, que aquiescem as sombras dos cantos desconhecidos em um quase cantarolar mudo de uma canção de cabeça, uma luz de segundos que traz à vida aquela cor, aquela calma, aquelas pessoas juntas, aquela luz, aquele lugar nenhum que nos pertença.

A madrugada dolorida em ganidos e som escoado em sarjetas ou uma música velha de capa amarela que se achegava pelas frestas, me avisando que o dia iria raiar.

II - ACORDANDO

Como um presságio de eco, ao me virar me estilhaço, abro os olhos e os cheiros desconhecidos me olham apressados, um tanto de roupas dançavam com um bafo da hora, tilintando os fios do tecido felpa, e eu me encantava dos desenhos do barrado bordado piscando luzes na inquieta fome que senti.

Meus dedos caçavam com sua forquilha a tira dos chinelos e eu me virava girando simultaneamente o dorso como ponteiros de segundos que se apontam para a marca do doze, e acomodada entre um restante de mal estar, meus olhos nasciam alaranjados no meu nascente castanho, como se eu saísse de dentro da noz, deixasse a casca cair sobre o chão, e de animação saísse catando cavacos, roubando dos lugares todas as vestes penduradas. Entre um braço que escova o dente e a outra mão que veste, com um joelho dobrado e a outra perna dando pulinhos de reequilíbrio, sinto tanta ...

O sino que badala em pensamento com as palavras que me oriento – Hoje eu não espero ninguém não, se demorarem ou fizerem cera eu vou indo sozinha. Prá isso que acordei cedo, bom, mas eu sempre acordo cedo...

Cutucando levemente o ombro, as ancas, puxando a coberta do lábio desfeito, encontro meu esposo dormindo enrolado em ronco, uma interjeição de gemido expelido como cravo mastigado, me olhando derramando pestanas em cachoeiras piscadas.

_ Vamos-vamos, que quero caminhar, com ou sem vocês. Vou fazer café e levanta, por-fa-vor-or!

Virei com os braços erguidos, agarrados em todo maço de cabelos alisados e alisados com as palmas das mãos,

e da boca apertada, cato uma presilha de cabelo e os algemo.

E de filhota em filhota, olho o fio d'água que verte para o recipiente da cafeteira, coloco a rede e colheradas de pó de café, exalando suor dos cafezais que como vento forte de eucaliptos me desce à pálpebra e me torno café em infusão.

O bico do bule cospe à xícara seu petróleo aguado, eu sangro pensamentos e me distraio com passes de disfarces das cenas da vida, a abrir cortina de agora, de alguma coisa a ser feita, com braços decididos e rápidos.

O café amornado na língua em pequenos grãos de açúcar não dissolvidos que se arrastaram por último para um gole derradeiro, areando a língua, me apressando a juntar as coisas e ajudar a empurrar os marujos empapuçados do dia anterior, com olhos cozidos a vapor, eu mesma vou tocando as pessoas. Eu mesma pego a chave, apetrechos, sacola, um tecido rasgado do céu para abotoar torto em mim, junto das minhas tarântulas que espreitam, e junto dos meus morros de montanha deixados em casa, mas inesquecíveis, como minha gastura a saber do saciar das minhas gatas.

Andamos, eu, meu marido, minha filhota, e tudo mais ficou dormindo com as janelas abaixadas como dia de domingo. Em meu bolso - um bordado – linhas tecidas ao acaso, lembrando as cores tão lindas das flores de romã, mas como um imaginado fraque colorido de um mágico, de olhos atentos volvidos a mim, somente eu via, a coruja que olhava, a rigor – eu andava de olhos pregados no chão.

III - SEGUNDO O MAR

Segundo o mar as ondas não se perdiam, uma inclinação impecável as equilibrava entre um reunir e separar, enquanto ele brincava a se decidir se empurrava ou engolia.

Afogado em chiado audível – Dezoito de Novembro de... Dois mil e dezoito. Praia. Bertioga.

Engolida como uma rouquidão das vozes apaixonadas, as primeiras palavras escorrem de meus brônquios tamborilando as cavidades com um exasperar morno afetuoso, do meu olhar profundo dirigido ao imenso farfalhar do vento e das águas que eram meus nodosos pensamentos dos quais não consigo não engasgar com suas planagens[25], suas salmouras e suas cores retumbantes de pomba imolada.

Os pés que vão se deslocando em uma cadência que faz os fios do som se baterem contra meu peito, os dedos mergulharem à resistência da areia, as solas do chinelo arremessarem pequenos grãos no verso do meu tornozelo. E olho zelosa. De mãe que derrama brilhos escondidos de sorte dobrada em papéis de bala, alguma borboleta de brinquedo de encanto que faço voar diante dos olhos da minha menina, que de uma mão rapidamente passa à outra e voa e pousa bem na ponta do nariz. Sorrimos juntas nos esbarrando, enquanto ela abaixa, os olhos atentos em uma concha branca. Ela pega e espana com os dedos as areinhas que vestem camisolas rotas na saia desbotada. E levanta com um pequeno salto de calcanhar que lentamente repousa ao chão novamente.

No final, me aventuro a olhar o morro crespo de árvores chorosas em gralhar esganiçado de pássaros vestidos.

Meus passos alargam verde brilho verdejante de vela recolhida ao engano. Meus passos se requebram pulando as águas do encontro.

---

[25] Informal – significa planar, pairar sem mover as asas ou funcionamento de motores.

Meus passos se apagam em vertigem segura por um braço.

Meus passos aprofundam joelho que costura como uma colcha de retalhos.

Meus olhos giram em torno.

Giram. Giram em torno do meu ombro coberto de sol, as mãos que seguram a bolsa de pano, um chapéu imaginário com fitas, azul de ondas de oceano.

Meus olhos pousam os passos típicos e sacolejar conhecido da cabeça que gira em torno procurando.

Vejo e de longe dou um adeus, e vejo seus passos atrasados desta vez, e a camiseta sempre um passo adiante.

Quando me dirijo em alegria para minha filha, que contava conchinhas como se fossem moedas de ouro. Estendo a mão a nada. Estendo para tocar sua imagem linda em céu aberto, com muito sol já, lendo a inclinação e calculando com revirar dos olhos as horas que saímos de casa... O vento me responde sem as gotas do pé de areia do marido.

Águas aprazíveis que vestem meias aos meus tornozelos em um frescor aveludado de chiado. Enquanto a minha filha olha os desenhos filamentados das ranhuras da concha a demonstrar sua incrível geometria e raridade. Eu me deito na primeira marola passando a mão nos brilhos pequenos de um dourado sob as águas que furtam o momento em um falso enlamear cinzento deixado como confeito na pele.

A menina aponta um homem que perfura a areia, suga a caçar pequenos mariscos revelados nus sob o sol zombeteiro. Intrigadas nos pomos a cogitar o que fariam daqueles pequenos seres. Pois damos braços e vamos andando nos desequilibrando admirando o céu, a coluna vertebral da praia, inclinando nosso tórax simultaneamente para direita e depois à esquerda, enquanto penso descrever o gosto, o sal na língua, nossos passos espir-

rados em cadência caminhante por um dia, por entre caminhos das águas vertentes, das nascentes de um segundo. Eu sempre pensando em versar o que via e sentia. Que cores dariam?

Surge uma enorme vontade de abraçar a liberdade em vento. Surge um grito comedido no asfalto da boca. Surgem passos da calma translúcida e da camaradagem da conversa vaga de mãe e filha. Surgem brilhos e conchas mil, nunca iguais e nunca diferentes. Como pode?

Um sopro aspirado ou um respirar solto? Os passos da brisa tão longos que ficam zunindo como vara fina de bambu sacudida, no passo dos tornozelos do ar, sem limites, sem tempo. Um sopro do respirar do mundo, ainda que insonoro. Uma voz que respira, a água que caminha sem destino, um onde que nunca se chega. Aqui. Bem aqui. Neste dia quente dos dias já chegados a janeiro, revivo as águas e passos, e o que eu revivo são minha família ajuntada e meu coração desconjuntado. Ri-me de meu ventre flácido dessa languidez escaldada em pleno céu de verão líquido. Ri-me de mim mesma, a relembrar os braços dados com a filha, sem receio de olhares mórbidos. Sem caminho reto e rente à beira-mar fomos falando com o Sol que crescia feito dos minutos contados da espera por um drink, por uma água de coco. Por entre a fome e a preguiça vamos andando sem degraus para os castelos de areia mortos.

Um cardume de veleiros doentes que se repousam no canto esquecido e as pedras avisto.

Há um de repente. Sempre há um momento escapulido do normal. Minha filha se sorri e me aponta ali entre vultos indecifráveis de pessoas um minúsculo cãozinho, que matreiro costura entre as pernas dos seus donos um carinho invisível. Ele pula e cerca. Ele pula e agacha as patas frontais, cercando de frente como presas, ele dá voltas em si e circunda os caminhantes e sim, mais um gol, do cãozinho entre as pernas do moço. Espantadas paramos a olhar com franzido de olho ao Sol estridente.

Um latido ácido nos alcançava e meu esposo apressava passo atrasado em nossa manhã. A luz já fazia fritada. O meu braço ardia levemente como pimenta seca envelhecida sem fogo e nem palha.

Eu vesti meu coração como capa.

Vesti e emprestei aba para a filhota. Pusemo-nos lado a lado e ela se arrebata com as conchinhas.

Nossas exclamações gemidas se pincelam na areia em desenhos lindos fractais e dou um tranquinho de ombro a ombro, com a filha reclamando do susto, enquanto latidos ainda pairam em pulinhos magros de tanta leveza.

Saudade que venta nos olhos, na preocupação das gatas das patas e das conversas antigas de rouxinóis de chafarizes.

Uma concha branca. O pai que chega-nos aos ombros. E ficamos discordando as conchas lindas que eu me ofereço para guardar na bolsa, mas ela zomba desconfiança em risos do meu olho comprido em sua preciosa concha.

Um pássaro ou dois, afinal não sei, nem sei qual pássaro de frondosas asas brancas que recortam nuvens e céu.

Conto os passos. Conto contas. Conto risos. São gaivotas? São urubus ou são *gaviotas*[26]?

E ela sonha com as relíquias das viagens hipotéticas como se houvesse o tempo de tudo e dos desejos infantes do coração vestido por nós duas.

_ Bom dia! Você não deu bom dia para mim. O bonitão tem que andar bonito! _Vou ali com ele senão ele fica triste!

Seguimos falando da vida e de oportunidade, com sol de dor, com barracas de ternura e gritaria de crianças e choro de bebê.

O vento e a maré com a nossa sede. O vento trôpego e andar desengonçado do meu estômago.

---

[26] Trocadilho

O Sol que ele quer pegar no branco, azeita quente no lugar que já queimou. Eu peço a foto que nos faça felizes e andando meu cansaço me aproximo do final da praia.

E sento na pedra do descanso a fazer meus pensamentos se aninharem e revoarem para dentro da minha bolsa. Cansada e com dor nas costas fico longamente enquanto eles retornam os passos no brilho bronze da água, entre um ou outro barco sendo rebocado ao seu refúgio.

Refugio-me de mim. Refugio-me do coração sentido, comprimido da ausência, das coisas que nunca se realizaram, das marés que não vi. Refugio-me do ferimento de dor do amor, olhando ao longe tudo que esqueci. Olhando as belezas escondidas e retiradas da minha vida, como uma penalidade por nada que eu cometi. E assim como liberta da prisão me vejo em sonhos voando ao alto e sem nada, apenas meu olhar refreia, sobe e aderna para esquerda, acompanho o navegar lento de pequeno veleiro, vejo de cima riscos de giz em papel turquesa e vento me refresca, como suco de estrelas brancas; desço, em rasante mergulho de corpo nu nas primeiras ondas do veludo de prata e uma echarpe azul de espelho, dentro de você e tudo o que sinto, profundamente - no segundo mar e vivo.

IV - GUARDA-SOL

| 17 Janeiro 2019 | Unheilig – Hallo Leben e Silbermond - Ja

Em passos retos dos braços subo a haste e uma capa de anêmona vermelha se abre sobre esse varapau. Tecidos tapetes coloridos e meu querido deixado ao ventre dentre o Sol e o Mar. Um furdunço de discussões sobre o que pedir, como um bilboquê que encaixa-se cabeça oca, eu me reservo o direito da escolha após os treze anos afinal um drink não pode ser qualquer rum.

Enquanto o jovem casalzinho bate e volta nas ondas, o rosto corado da caipirinha derretida em cadeira escarrapachada de filha caçula, tilinta copo. Meu olho espera afinal uma caipirinha muito muito especial, totalmente embriagante entre meus camarõezinhos tomando sol sem seus chinelos. Tão engraçadinhos. Minha meninota nas fotos surpresa. O álcool doce sabor maresia de açúcar *candy* em pedras geladas de hortelã torta. Minha língua estrala e esgoela o furor demoníaco de felicidade de amor afogado, com língua e chifres na gargalhada em castelos de faróis de torres comidas da fúria das águas marinas das noites suadas plantadas em pequenos líquens que voaram de meu varal.

Vento que não entorta o guarda-sol. O andar que não se arredonda no meu ninho vestido de redoma, no oceanário das estrelas-do-mar feitas dos cacos do meu globo ocular cristalino em cor marfim e cicatrizes de nascença de tudo que quis.

Amar embebida ao licor de anis.

V - O CARRO E OS LENÇÓIS D'ÁGUA

| 17 JANEIRO 2019.O CARRO. MÚSICA: UNHEILIG ALBUM GIPFELSTURMER, HAND AND HAND.

Apressa. Apressa o passo todos que passo a pressa na presa do dente trincado desejoso das águas baixas, das ondas leves levitantes. Vamos. Um pequeno formigueiro fervilhante de seis e doze pés de chinelo com as algumas cangas de franjas laranjas embaraçadas.

Tleque a porta abre, o banco reverencia, um quebra-cabeça se monta.

Minha cabeleira fica sobre o tampo do porta-malas, dobrada em dois, como um dromedário pregado no canto da parede, as bonecas da caixa de brinquedos socadas com a tampa empurrando veementemente para que caiba. Na frente a espaçosa, dividindo os cotovelos com a marcha. Mal humor no porta-luvas. Ai. Ai. Ai. Vento na cara. Sinfonia de risos e a voz da Suh esparramada na capota de tinta descascada. Minha voz arrastada nos pneus a curvar meio murchos. Pam. Bateu-se-nos à porta. Vidros que caíram na rua dos buracos de queijo mordido do Sol ardido em pimenta biquinho.

_ Há uma tabacaria por aqui? _ Talvez haja. _ Nããão – exclamo. Consegue avistar – digo – cigarrilha café creme? _ Por ali? _Claro que não, oh besta! Vou pra que lado? _Segue o fluxo, diz meu menino. _Levanta esse vidro um pouquito filha!

Entre as mordidas de vento e das risadas de papel picado, os cabelos ondulando mares invisíveis e golfinhos gorjeiam ar assoprado. Pestanas que dançam cada riso em uníssono chiado e maresia das areias de cada palavra solta na estrada populada de carros apressados.

_ ApuliApuliApulicia. _Huhuhuhuhuhu – huhu.

Como se desse para encolher superlotação. _ Vai devagar meu! Ai caramba, ai minha perna!

Hahaha. _ Chega para lá. Aonde? Hihihihi. _Nossa cara! A minha corcova vai sumir!

_Fala para ela que já pode subir. Pode aparecer. _ Já estamos aqui! – falo. _Não estou vendo. _ Ah, a gente é baixinho – com voz de Barnabé diz meu menino.

Placas que nos ultrapassam. São Sebastião. Juqueí. Um rádio murmura esquecida música gasta e opaca. Vento que bafora. _Olha só! – alguém aponta. Céu cai no para-brisas. Nuvens de algodão doce da tarde. Olhos de sogra doces envernizados de caramelo.

Hoje a gata deita e rola sob a poltrona, enterra focinho na ondulação do tapetinho.

_ O trânsito... _Você colocou a praia errada, é Itaguaré. _ Olha pra frente! _Calma mãe!

Risinhos e risadinhas. _ A gente vai virar lá nas Ostras. _Não como ostra não.

Abotoa-se um aviso, afivela-se no cinto uma querência de ir para outra praia. O Corpo se remexe em desacordo. Os tantos no aperto se ajeitam como um balé com movimento encadeado. Gemidos. Risos. As mãos ainda gesticulam sua insistência. A mão de mãe cutuca-cutuca alguém _Quetchuquetchuca! _ Vai pegar à direita lá.

Meu momento esquecimento me desenha biquínis de plumagem de pássaros roxos e turquesa, entre uma mão de carinho que vem e contorna os limites do lado direito do rosto, uma mão do tecido de minha canga que me toma da sensação do desejo brando em água caindo das falas inquietantes do morro crespo de árvores a dar braços a macacos.

_ Bem! O Vitor foi lá em casa e tirou foto das gatas comendo! _ Só que não eram nossas gatas – emenda a filhota. Explodem risadas espumadas de ondas contra as pedras do canto da praia.

Danço de mão em mão, os olhos curvados engraçados como as conjecturas estapafúrdias.

_ Elas chamaram toda a vizinhança! _*Deixa eu* ver? _Não vou deixar agora não. Mas não dá para ver direito. – rejeito de mostrar no celular. _Não dá para ter certeza se são elas (as gatas). –Retruca filhota. _ Eu nem sei se são gatas – digo rindo. _São seriemas! – ri Suh. Sob risos de todos digo _ Nem sei se é minha casa na verdade! Hahahaha. _Não sei se foi o Vitor que mandou... – remeda meu marido. Fecha com gargalhada.

Eram umas três horas das brisas azuis e rio que esgueira pelas coxas em passos submersos. Piscinas de espelho largadas em abandono de água de mar e encanto. Areia grossa em chinelos de arrebentação, e uma tira de véu

tremulando às três horas antes da ressaca, e as vozes mortas, o susto preso em nós de firmamento. Eu ando e dou os braços a torcer, os pés embriagados das cores gelatinas. Com as mãos nado a galgar elevações que ficam sussurrando venenos no meu desejo esquerdo, soprando angelicais álcoois no arrepio direito. Mergulho como agulha de costura e nado abraço eterno de conseguir, no quebrar das águas perdidas distantes do olhar entrecortada da foz larga e saltitante, da qual devemos fugir do seu vestir.

Entre meu olho e o seu desaparecer sinto você batendo na porta da minha alma, com brancos e doces olhos de funil rodante em imagens espirais de viagem de tempo. A porta range e a fervura da ferrugem cai como asas de mosquito formigões, que asas pétalas cantam mais que o som do ferrolho trancado.

Subo os morros e montanhas vestida de lençóis transparentes escorridos da corrida imaginada saltada de dente em dente inexistente. Um facho rosado atravessa minha fotografia antiga de átimo, que minha fotógrafa me embala em cores de céu. Céu tá azul. Céu tá verde. Céu tá descascado do tempo perdido.

Águas macias e águas frias, nosso banhar entre mãos abraçadas, caminho junto ao lado tropeçado do vento embriagado. Olha o breque – som calado – carro de motor desligado.

VI - RETORNO

| 17 Janeiro 2019 23:55 | Música: Als Warr's Das Erst Mal - Unheilig

Rumo que o sumo da laranja desce garganta, dos olhos derretem suores morenos, da íris a pétala das castanhas das vinte horas, com a chuva não convidada, põe-se em marcha o carro, fresta aberta, luz tênue de lamparina em

estrada negra, com vagas luzes de pingos da chuva em ângulo sessenta à direita. Poça e tranco do buraco, curva acentuada, breu, céu embaçado, e submersos em bruma de lente aquática, a noite nos abraça, entre conversas curtas e olhos esbugalhados.

Seguimos e o transcorrer logo parou no iniciar da subida da escorregadela, sinuosa nos barrancos de flancos empapados d'água a olhar-nos com desdém sua vontade de derramar-se sobre todos nós estacionados em viagem longa em noite vapor café e torrencial chuva, piscando freios vermelhos dos carros adiante, como um cordão infinito invadindo os confins das constelações sem porteira, acachoeirando estrelas desistidas de voar céu de penhasco.

As águas da garrafa secaram, as músicas enjoaram, as horas passaram, as ruas embriagaram e as estradas estragaram. Enfim no fim de tudo paramos em posto a ir urinar a água toda do tempo sentado sobre minhas coxas dobradas e aparafusadas cambaleantes. Após a madrugada nossa cidade nos acolhe, sem vivalma, eu ansiando o mar da minha cama e abano dos rabos das gatas. A fome deixo para trás e meus dissabores. Quero amor na veia cava. Quero rolar rugosidades e me perder no vale de nosso retorno - em beijos de carne morna e gata agarrada no meu pé.

Reencontrei um pedaço de mim, meu coração viajou, tocou seu céu na extremidade da meia do pé. Reencontrei a parte existente de acontecer, deixei dores de dias partidos entre escunas e velas rasgadas pelo raio que partiu apagado.

Reencontrei meu coração do mesmo jeito que o deixou, meu dedo tateou, e tudo estava ainda nas paredes de gruta escura de pupila que ilumina escuro e vê tudo que não pode ter.

TERCEIRO MAR

|11 DEZEMBRO 2018 4:10 | ESTÍMULO AUDITIVO: 20181118 MAR3| E.D.N.C.

Um grito. Um chiado contínuo. Vozes diluídas.

Vinte para as onze. Espirro.

Dia de sol. Andando e soando, os gritos esfuzientes ao longe das crianças.

Eu me deparo com meus passos em meu monólogo como um olhar em monóculo, em um paralelo viver enquanto meus entes ali, se curvando ao sol, sentindo o gosto da espuma cerveja que se perde o gelo rapidamente.

Dirijo-me ao mar, falando com borbotões entoando uma fala perdida ao vento, sacudindo velas de panos de fumaça, chiando a areia com meu pisar duro e dolorido. Relembrando a sensação refrescante da água de coco curativa enquanto uma língua de fogo houvera serpenteado minhas vísceras, sistematicamente me queimando em ácida asfixia em sono turbulento, por tempo longevo. Como se agora, nesse ar do oceano, a polpa macia e branca do coco verde me tivesse salvado ao menos, como um beijo hortelã, ter me dado um alento, fugaz e tão transitório, tal qual a ida à praia, que por um instante lá sentíamos ter todo o tempo e o poder de voltar dali poucos dias.

A quebra-mar que soca meu peito, esbofeteia o cabelo com vento de uma areia fina e brilhante que pincela de minúsculos espelhos os fios, a fazer deles cabelos do sol. Eu murmuro junto ao vento e ao balbuciar ininterrupto...

"O vento *Scirocco* [27]submerso nos brilhos frisados de inúmeras partes da circunferência, entrelaçados círculos (evasivamente reticente). Uma poeira cósmica num vento líquido. Pequenos brilhos em faíscas como se fossem asas de vidro de pequenos mosquitos. Os frisos de novo, como se escorressem poeiras de ouro.

(A água bate e transpassa meus tornozelos).

E a água chutada. Há ruídos de chapinhado de passos de muitas crianças. Há umas ondas que voltam encolhidas, recolhidas pro mar e quando voltam, o lodo se desperta.

E forma uma onda de dedos entrelaçados sem fim (um grande chiado de rajada de vento me encobre), e vem de novo como se passasse um lenço gelado no meu pé.

Uma gritaria que respinga em sorvetes gotejantes derretidos para cima de mim.

E depois, eu sou sacudida por uma onda mais forte, que me veste de rendas brancas uma blusa que se desfaz em um segundo de arrepio. Como se tivesse um monte de linhas de rendas soltas e emaranhadas.

E aí a gente fica escutando...

Ouça! Olha esse chiado de vento, o estrépito diluído em uma orla a perder de vista.

O rugido que fica mais lá até se atenuar e chutar (escuta-se) as bolhas estourando. Milhares... enquanto faz-se um pequeno silêncio. Forma umas luzes lenticulares no fundo junto aos meus pés, que parecem ficar iluminados desses focos dourados.

E tem no chão uma ondulação. Essa ondulação, ela é incrível porque ela fica frisada! (Assoprou um vento curto como u-huu) Como um cabelo frisado de uma morena,

---

[27] Ita. - Siroco ou Xaroco, vento do deserto Saara, quente e seco que sopra em direção ao litoral norte da África. Fenômeno que causa gigantescas tempestades de areia e ocorrem devido a baixas pressões que o mar Mediterrâneo ocasiona.

como um cabelo de uma criança toda molhada (entre gritos de choque de água fria). Um céu reflete, essa frescura de pequenas asas de pássaros que já morreram e ficaram aqui, presos nessas sombras.

(Um sopro forte e longo, como assoprar de flauta tremida, em nota dissonante para os cabelos se fecharem no rosto).

Seus sorrisos acho que são esses brilhos. E tem um vento que veste minha cabeça e entra no meu cabelo e fica essa poeira do vento *Scirocco*. Uma tempestade que quando recolhe, ela tem o poder de um redemoinho que não é redondo. Ele é um vento puxado que arranca de mim todas essas dores, e eu esqueço, enfim eu fico com o sentimento leve. Eu quase nem sinto nada, a dor que estou sentindo.

(Som molhado de água corrente rasa passando trêmula de frio).

E eu não sei se isso está gravando, mas eu estou tentando memorizar estas experiências para que eu me recorde e escreva. (Uma palavra que saia firme no momento do atenuar dos olhos do mar fitos em mim. Olhos azuis profundos).

Versos... Versos com essas pérolas derretidas que vem nessas ondas - a onda que se quebra, e tem - essa espuma.

Eu queria uma cantiga que me dissesse a voz do mar. Um cântico. Infinito. É como se eu conversasse com os entes que já se foram e com os anjos. Parece mesmo! Asas de anjos derretidas nessas ondas espumadas que 'tão aí. Incessantes. (Um grito agudíssimo. Som surdo assoprado no ouvido em concha).

E eu vou olhando esse *Scirocco* submerso. Interrompido com um solavanco e ondas que se atravessam transversais formando serpentes marrons e douradas que ficam sinuosas correndo pros lados sumindo.

Até que...(ao longe um som abafado diluído de música) fica um resto de água, um espelho, espelho caminho de Sol numas ondinhas que ficam na areia, ficam com uns frisos em motivos xadrez com a água escorrida e o resto da purpurina de tudo que quebra se transforma em pó e que deixa aqui uma poeira dourada na memória de sentimentos que foram fragmentados como se fosse um céu que tivesse descido e grudado no chão uma poeira cósmica que foi juntada , e umas micro bolhas que eclodem de pequenos mariscos que respiram (n)esse calor da água."

ROSAS DE VENTO VERMELHO

| 3 JANEIRO 2019 10:25 | LAGO | IMMATERIALE – SONHOS - CADERNETA DE PAPEL FOTOGRÁFICO

Chuva de cereja

sobre hastes

arabescos emaranhados

das estéreis roseiras

Num instante

o céu rosado

iluminou

candeeiros que planaram

em rosas vermelhas

cálices de vinho derramaram

Perfumes e gosto de

embriagado coração

em marcha

sem rumo

perdido na floresta

de roseiras Ilusão

GERMINAÇÕES DO PRA-ZER

| 22 Janeiro 2019 3:35 | caderno de imbuia | Vacuum

I – PRIMEIRO GROTÃO

Mãos que plantaram
Uma tenda de água
Você que me viu azul
Serpente transparente
Camiseta vermelha voou ao sul
Mãos me puxaram
pelos ombros o pensamento
Gramínea rasteira
em luar redondo verde
Halos de vento
Passeio de joaninhas
em frescor chuveiro
O comer da sede
Relógio roubado na quebra da hora
Musgo do pasto
Arroio de março
ou não – Sol de madeira!
Deitei n'água
que me rasgou ao meio
Um campo de rosas vermelhas
Nuvem de mosquitinhos
O zumbido da multidão de grilos
A dor apimentada macia

Rosas líquidas
da lágrima de emoção
_ evaporada
de sangue verde
Tenda da dança
das cabeças tortas
e das mãos que arrancam
mordidas de terra solta
assoreadas nas ondas
das espadas cortadas
nos riscos paralelos do céu aberto

(As cordas de violoncelo
tremem e a flauta vibra)

Grotão de água
Murmúrio infinito
refresca *hymen* estremecido
em bonita moça
sentada em colo de água
em seu lindo vestido

[Illustratio 7]

II – PRIMEIRA PEDRA

Faróis olhando negrume crescido
Peito aberto
Subi rapidamente
Montanha da noite
Ar embriagado da primeira neblina
Engolir de bocas – os gelos da manhã
das gotas tocadas a dedo
Encravar das pedras às costas
Corpo comido das luzes tocado
O brutal peso da visão
dos brilhos fantasmas com medo
Golfada de imensidão
Descobre dos cabelos a nudez
com os pés sobre o luzeiro antigo
de uma cidade tapete

dos cristais quebrados do lustre
cacos de luzes deitam leito de rio
de luz que sangra o negrume

A chuva que vem e
me atravessa como um relâmpago
Os leites que correm a pedra
e de sua face comem seus dentes

No manto desbravado da meia-noite
Em imensa solidão
Corpos unidos pelas mãos
A voz que arranha
Eu-te-amo ininterrupto
transpirado em gotas de tinta
em borrão de luz
de um cometa abrupto

Lembro-me Meus dedos perdidos
nas têmporas de florido capim
Areias arrancadas de um areal

Lembro-me do abrir das asas
e o som do cortar do ar
e sua calda doce
de amor irreal

III – PRIMEIRA ÁRVORE CAÍDA
| 22 Janeiro 2019 4:22

Tamborilei
Os dedos de brotos nos contornos além da luz
Gesto vadio no calor de evaporar de álcool
Gesto vazio de amor no extravasar escuro azul
Gesto frio dos pés remexidos da raiz exposta ao Sol
Filamentos de luz transpassando meridianos
Tamborilei
Os dedos em couro de bumbo pulsante
nas carnes de ameixa mordi-chupado
nas tardes madeixas caíram-deitado
Árvore de ar
Uma fumaça de anjo pairando
estratosfera dos lençóis de primeira terra
Coçar ardência de ânsia com a trama
dos fios trançados do algodão
e dos fungos vestidos

Troncos que pressionam o solo
na dança contorcida das folhas
pensas presas em seus pedúnculos

Seivas que sangram
Líquidos cristais que vertem
de seu peito
Todo o tempo que te tocou
Toda mão que (te) envolveu
Trouxe o rosto de sombra
derretida em suor do olho

Tamborilei
Um estremecer de amor
Em árvore adormecida
Em cama de flores
Hálito de anil
De recordações nascidas
Do fremir das folhas
Abraçada ao lençol das plantas
Enterro pés em profundezas de lençol freático
Água que percorre Percorro
Seu corpo toco
em seu corpo desbravo raízes expostas
Suor que se condensa
em colares de pérola
nas teias de aranha
Como o caroço
Abocanho Arranho
as cascas que se desfazem
em pó de veludo de carne

Mandíbulas que brandem presas
de lado ao outro
suas fomes cegas a olhos fechados
tecem seda branca de salivas
sedentas ao calor (de) verão

IV – SEGUNDA TERRA

| 22 Janeiro 2019 4:45 | Sehnsucht

A pedra sólida que se escala

a queda livre de te ter
um voo vertical de perder
Horizonte de cortina azul
Água que desce a rouquidão
Plantas a meio metro
tocando as pernas
A cuia da mão a beber
A água que acredito ser de lua
A fria insensatez da extrema sede

A pedra sólida encoberta da água
Ferrugem comida
gotículas germinadas nas flores rosas
Borboletas azuis
dos nossos olhos revolvidos
A pele tomada de arrepio
Êxtase de vestir
entrecortados farpados verde vivo
Toque no bico de cotovelo
(Rio que passa
Frio que embaça)
O dente pressionado na carne
Vento brisa Vento coqueiro
Sento o cansaço

Passos angulares juntos
Escorregar de pedriscos e limos
Sorrir de beijo prometido
Mãos de carinho lembrado
em tecido dobrado linho

Segunda terra das águas límpidas
Amor profundo profanado no húmus úmido
Lógica interrompida no dizer ecoado
Ao alto das nuvens rarefeitas
Clímax de amar o infinito

V - Prelúdio de Amor

| 22 Janeiro 2019 5:05 | Always – Gary B, Only Love – Mumford & Sons

Te Amei em sorrir de olhar
a força de corredeiras
nas quinas das montanhas
Chuva que me vestiu do tempo
em grotões murmuravam
o estrebuchar do coração impulsivo
Te Amei o olhar de sorrir
a vastidão da alegria
Criança balbuciando primeiro gemido
no movimento expulsivo
Te Amei a dor de ver
a dor de procurar
a voz de pétala embebida
calada em espera de pólen
Te Amei como pouso de abelha
como momento de encontro afluente
como flor rara única
como se fosse possível
verdadeiramente colorida de pureza

na aurora da montanha
Te amei tudo que não sei
amei a voz que enterneceu
a suavidade da hora insone
as palavras que foram
a cor da sombra de silhueta
Traços esboçados em sonho diluído
Lembrados na fé iluminada em folhas verdes
Somente de amor Semente de calor
brotadas em arestas de caules
quase mortos e queimados do estio
Te amei sobrevivendo
Tudo que significou o início
Te amei indo e voltando
encontrando e desencontrando
tocando o ar
sem pele a expelir
tocando o mar
sem água a cortar
tocando o lar
sem mágoa para saber
longamente o depois
Perdida no amor e rumo de ir
Devastada pelo fim do tempo
Te amei além do vento

INTENSO

| 22 Janeiro 2019 10H Parque das Águas – percepções imateriais

Intenso
Os riscos negros
de vento pássaro
Calor do corpo imaginado
nas termas submersas
Um peixe apagado
n'olho d'água
Um feixe de flores secas
Intenso brilho
em olho derretido
no espelho d'água represada

Sua boca deformei
intenso momento
de palha chama
Chama o inominável
As flores caminham
mãos dadas ao ar
contorço o dorso
com bico de pássaro aprendiz
Mordo isca do lençol escorrido
do seu rosto reconhecido
Mordo a isca
do branco aceso
de mordida
do enrosco

do pescoço

Abraço as mãos
contorno em gosto intocado
o contorno do vibrar
de marola perdida
no céu
do enlace dos seios da face
de nariz afogado
nos brilhos dos olhos
renascidos
no sussurro do ombro

O GOSTO DO VENTO

| 28 Janeiro 2019 10:50 a 21:07 | Lista Imersão Mcromaro | Durante a pintura a óleo | Caderno de madeira imbuia \ vacuum

Frescor suave que transpirou
Brilhos do ar que me despiu
Sonho acordou nos miúdos riscos
Sorriso esboçou as vestes ensombrou

A cor do figo
como tintas sussurrou

duas mãos unidas[28] suas metades separou
lentamente o sopro do hálito da flor
filamento rubro me estendeu ramalhetes
filhos de pólen do respiro do Eucalipto

À minha boca levantou a direita dor
À minha boca fria carne em amor
Filamentos translúcidos
doce e ácida voz derramou
vinha-cor que o vento em odor me trouxe

Como abocanhar do ar
Nuvens de fumaça Um olhar
formado nu Sombras da golfada

Como líquidos *myrtillus* me agarrou
Serpentes macias se desfizeram entredentes

(Do suor o sabor)
(Do ar o céu anoitou)
Vento forte
[Cabelos revoou]

Serpentes da castanha em flor
Serpentes da lama que se cruzou
Serpentes em pó de ouro

---

[28] Aqui cometo uma transgressão do Português pois considero as mãos unidas algo único, como um sentido de prece e oferenda, como ato de separação de algo unido nesse gesto singular. Por isso essa colocação como um ato do meu âmago, coração.

[Sol alumbrou]
Serpentes que entre as máculas
no movimento traiçoeiro dos brilhos da noite
me inoculou
Cores violetas Cores piruetas
[Gosto do vento] do figo rasgado em flor

Vinho que desceu pelas entranhas de calor
Veneno que serpenteou
Uma luz que amarelou
Velas de vento a adaga cortou
Céu de estrelas por onde pisou

Um toque de aroma de tempo perdido
quebra-mar em navegante afabilidade estupor
Hora das tintas pinceladas pelos dedos de céu infinito

O que está escrito está vivido
Vívidas como anômalas sobre parapeito
Em tarde da estrada mordida
Um fruto de grânulos de sílicas
que doura o mar no palato vítreo

Para sempre
Nas ausências de brancos mares
o sorriso ficou sob rendas de onda
sentado em tronco – sendas das ranhuras de dor

Em alizarina do impossível
o coração tocou

e parou

[Illustratio 3]

Verso da Folha – O gosto do vento

Texto concebido concomitantemente com a pintura a óleo de mesmo nome.

A concepção gira em torno de três imagens poéticas, que relatam entre si o imaginário da ânsia de uma paixão. Simboliza o ser idílico e a

idealização sobre a pessoa. A imagem de praia sem paralelo, ilustra a liberdade que não é colhida, e o figo, o afeto oferecido, o vento do assoprar no cabelo da imagem e a integração com o mar. A flor de sementeira representa 'o libertar' em sementes que acabam de se externar da noz, mas que não se bastam para germinação. As cores são a expansão das vestes e ao mesmo tempo a imagem pintada foi traduzida para a noite com um novo dia alizarina que inexiste nesta posição cardeal, a imaterialidade que reúne a união na sua mais intensa interposição *afísica*.

Em método novam scripturam, o texto teve constructo de estrutura em áudio de mapa mental, com chuva de ideias interligada com a concepção da pintura, os seus elementos de incursão, de coloração simbólica, ligadas ao texto.

MEL DE UMA VIDA

| 29 Janeiro 2019 10:09 Ilha do lago

A noite pintou-me unhas
do sono entorpecido do querer
Caminhos de pés falidos
Espiga retorcida de dor
Entreguei-me no peito aberto
um ar de vidro leitoso
cheirava um restante instante
Lembrança quase próxima
Uma palavra sob escombros da língua
A única certeza
um sobrancenho curvado
ou à contraluz ou contrafeito
Mãos de destreza falecidas
sob cetim e cinzeiros
Formigueiro trabalha dia inteiro
Calor da pele urticária
A tátil queimadura imaginária
Visão desfocada
Vento que me diz: Redemoinhos de cabelo
Por que me pergunto?
Por que me digo?
Não nasci consigo
Apenas as fraturas do reboco
à espera de um soco
que expila ar piroclástico
Nuvem que me vista

como casaco de gola de pele
dos ursos cintilados do mel
da colher que significa vida
inteira
A trilha interminável
das antenas de formigas

Eu

Só aqui

na estranha visão
do céu do meu violão

CONSEQUÊNCIA DA PERMANÊNCIA DAS CORES

| 31 Janeiro 2019 9:40 Pq das Águas

Minha vontade é afogar a mão
_ n'água
em seus sedimentos
arrancados às unhas da vida
Procuro o outro ângulo
a ver algo imperceptível
Um andar de preocupação

Um nadar envolto no calor
_ de um expresso
Uma folha que cai
outra coberta de ferrugem
antecipa o inverno futuro
É uma vibração incoerente
nas águas de sonho mastigado
Essa
Essa friagem impossível
parece uma tristeza
ao mesmo tempo parece
a íris que se colore
da eternização de seu próprio
_ momento
em gosto sussurrado infinito
Ingerido Digerido
Que por fim
Abre os segredos da noite
à abóbada
perfurada pelo nado
das cores-espelho
de peixes amorfos
Pupilas pirilampos
sob guarda-chuva
_ de meteoros
Luzes bronzes que nascem
da brecha
do canal lacrimal
Seivas que derramam
por sulcos

de lábio animal

Nos dentes de gelo

a dor se projeta

_ sepulcral

Respinga[29]

gotas que dispersam

n'água da vida

Perdas e ganhos insignificam [30](?)

A beleza da tempestade

e o vazio dos dias perdidos

Consequente amor

_ reluzente

Gosto permanente

TRAÇOS DO SOPRO SOB A LÍNGUA - ROSTO DO VENTO

| 2 FEVEREIRO 2019 14:05 | MÚSICAS: LISTA IMERSÃO MCROMARO |IMAGEM ESBOÇO DO GOSTO DO VENTO

[29] Refere-se à dor. A dor respinga...

[30] Vazio de significação, termo proposital.

[Illustratio 4]

Pequeno e quase imperceptível
chicotear de hidra
agulhar disperso em flutuar crina
Brilho de arestas diamantes
Fervilham cores da sua água seca
no halo e sua lua dentada
Mar morto Taças de sal grosso
escondidas na furta-cor
de gritos framboesas em ardor

Chamas brancas de cachaça envelhecida
_ em madeira sassafrás[31]

As cabeleiras da árvore emaranhadas
no iniciar da incandescência
Brechas do céu em olhos oblíquos
Semicerrados Narcisos
A batalha das cores
nos mares revoltos
grossos na sede da língua
(O som estrépito do quebrar das folhas secas)
(O tom sussurrado do nablo[32] umbigo)

Meu olhar dançarino
dos dedos lamparina
do gosto lúbrico
Movimentos lúdicos
Cata-ventos
Amor em extremos[33]
A arrancar e roubar o pingente
O clamor dos dedos *mentulae*[34]
Sabor enfumaçado do meio-dia
Cama de sândalo
Flamejam em chamas
Beijo sápida sangria
no franzir oculto dos olhos

---

[31] Planta da família lauráceas, do leste da Ásia – Casca preciosa.
[32] Originado do lat. Nablia, -orum – Nablo, harpa (Pequena de 12 cordas).
[33] Da significação dúbia – Carinho excessivo.
[34] *mentulae* – Lat. órgão sexual masculino, pênis.

Sombras de maestria
Feliz Feliz Feliz
Traços do sopro
perturbam o nariz
As pérolas de areia
caíram no tocar da dança
para as profundezas do mar morto
Salgou
As pétalas de azálea
foram retiradas dedo a dedo
Extremos filamentos pinçados suavemente
Adentraram sulcos digitais do polegar
Sumo dos pingos morreram
engolido das salivas famintas do vento
em gosto amarrado
na face despida da madeira
no derramar insano da exuberância
no paladar incandescido do pranto
drapejados das luzes fulgurantes de vento encanto

Verso da Folha

Imagem poética de trepadeiras de árvore movidas em dança e luz de vento. Sede de amor. Elementos de dança trazidos e tocados eterea-mente com as mãos. Cócega do cabelo no nariz. Paladar. Imagem es-boço do rosto do vento. Caderno de madeira imbuia Vacuum.

FOLHAS

| 05 Fevereiro 2019 21:41 | Música: Interstellar Medley – Hans Zimmer | Caderno Vacuum

Folhas
de halo catarata da íris
caem caem caem
planando sobre caminhos secos
_ fadiga
Folhas encaracoladas ou rendadas
Folhas esguias de choques amarelos
Ocultas sob as saias d'outras
Folhas Folhas Folhas
de verde pranto verão
clorofilas-orvalho de cada manhã

Folhas que amarelam
enferrujam
Trincas fisgam sua tez vida
Desenha morte em marrom
Caem de meu castanho
de prenúncio do outono
de antocianinas de amor
de senescência de viver

Folhas caídas
Folhas encurvadas
_ retorcidas
_ fragmentadas

em minúsculos cacos
em semelhança com gotinhas de folhas
de árvore esturricada
e
Dançam
Dançam sua magia
um círculo místico Uma transcendência
pulverizando-se em
palha e húmus e manto
permeada
de seres famintos a consumirem
tudo o que verdejou

Folhas amarelas
Folhas belas
Clorofilas apagadas Sol retorcido
Folhas queimadas
gotas ácidas de chuvas escassas
Folhas carregadas
engolidas em esquartejos
por formigas em cortejos

Dançam
Tempestade em fúria
Um balé deitado com seus pedúnculos
erguidos em luxúria[35]

---

[35] Luxúria - 1. Viço, magnificência (a propósito de vegetações). 2. Um dos sete pecados capitais. 3. Lascívia, libertinagem, concupiscência, sensualidade. Oposto de castidade, é a satisfação desregrada dos desejos sexuais. – Em dubilidade.

Tempestade sua voz anuncia
a dança de sacrifício de estio
Dançam apáticas nuas de clorofilas
Dançam luas recortadas e comidas
Sépalas encrustadas como coroas
Caem sob cabeças erguidas
em cama de folhas unidas
os amores transpirados
a cada dia por engano
a enfrentar a força do vento
com seu olhar de carcaça insano

Frio que futura o passado
Passos instintivos em espigados brotos
ocultos sob a sombra de folhas verdes
Folhas vigorosas e obscurecidas
Brotos de promessa de vida
Rasgos da impiedade
Folhas Folhas rodopiando a
_ árvore
sobre os sabres de luz
olhos do céu que perfuram
braços arqueados
flores esquecidas
Pranto de dor
Semente Sementes decantam
escoam em enxurradas dos brilhos
que me conduz

Folhas Folhas

intrincadas Amareladas
Avermelhadas enroladas
estilhaçadas colunadas de esqueletos
de pequenos poros
de cores amputadas de verde
de ferrugem enegrecida e carbonizada
Folhas Folhas secas e vivas
mortas e vivas
Fantasmagóricas em revoar noturno
em nuvens de mosquitos

O som estridente estilhaçado
de meus passos indecisos
a esmagar o sumo por onde piso

Amor verde esperado
Morre da eterna cantiga
Folha que cobre raiz
Folha que voa cicatriz
Folha que cura ferida
Folha que brota
Folha esperança
de amor que gesta
renasce
(Transforma)
floresce os sóis
desfolhados que nunca perecem

Folhas Folhas
Em rios entrecortados de sua pele

Textura de tez verde

Amor esperança infinito

_ esmeralda dormente

BEIJO DILACERADO✠

| 12 Fevereiro 2019 12:55 | If I Say – Mumford & Sons, Natural cause – Emancipator | Estímulo: Dança e imagem da pintura Beijo

[Illustratio 5]

Na hora escura do umbigo da noite
Senti
como se olhar queimasse
esgueirado no vale do peito dos degraus da escada
Verniz perene dos brilhos lustros de cada passo
O silêncio do olhar me arranhou

como suas sombras que dançaram em cantos
nos gemidos estalados das ânsias
Dor
como adagas perfuradoras de carne embrutecida
Dor como lança de fogo branco que fende
o dente branco ácido
uma estaca lancinante no baço do cérebro
Dor que olhos racham
Maçãs que amarrotam apodrecimento súbito
Dor que amor subjuga fatos inatos
Dor como explosão contida no ventre desamparado
Esmagar e asfixiar um batimento embriagado

Se eu amasse como o infinito
A dor cortaria as células
do andar sonâmbulo ferido
Entrelinhas cravam seus dentes
Algo que se sentiu
que do olho perdido se projetou
Senti mais esse espremer sob a pressão das mãos
Solidão incólume no gelo seco
da noite deitada em cama de cabelos

Se eu entendesse
os ferimentos me elucidariam
Eu ouviria sua respiração próxima ao lado
Com minhas mãos eu pegaria
seus pássaros de momento
Içaria os voos em som de uma fonte
de líquidos amarrados

em dor e mordida
de lábios fendidos em flor que gira Lua
Em caldas de geleias doces
das cores quentes do beijo sabido
Dores nevrálgicas percorridas
como um raio de respirar fundo
Em dor daquilo sentido
sentido sentido dos sentidos perdidos
nas cores fundidas
dos rostos unificados
em beijo louco
em meia-noite escura
no obscurecido do olhar
na hora das sombras
das línguas revoltas
na falta de sentido anti-horário

Senti
no escuro ser o beijo tocado
em dor aguda
dor de uma dor descrita
obtusa
do arrancar com mãos fortes
um coração rasgado
ferido partido
Com seus pássaros escapando
da gaiola pelos fundos
Senti a dor do beijo mudo
Dor do mundo a espremer cada vértebra
Cada fratura Cada tempo arrancado na unha

Beijo nas cores da loucura
À meia sombra À meia-noite
demoradamente deglutida

FOGO

| 12 Fevereiro 2019 13:57 a 14:12 | Imagem estímulo: fogueira

Morri encoberta por línguas de fogo
Um espírito ritmado
Rasgava cada fibra de madeira
Descarnava a pele de folha
Um pó subia em cinza
era corroído em fervura ácida ternura
Cores de Sua Dança enfeitiçavam
Olhar hipnótico me conduzia
nos passos em brasa de candura
Puxando-me dentes da fome
Morri nascida nas asas de chamas
Laranjas Translúcidos fractais dos reflexos
invernais
Calor martelado frito ao Sol
Ardiam o gosto do ar

Escaldava[36] meu olhar

Atraia meu caminhar

para os infernos do meu coração

braseiro infindo

Pulsando segredos do astro

Fingindo máscara de estrela

Navegante em vulcânicos rios

Sumos laranjas

Beijos corais

Oceano de céu caído

Nas chamas entro espelhos

Nada me queima

Valsamos os tecidos do sentimento

Sequestra as frutas maduras

Flores da estação romã

Salivas de cerejas de plasma

Cogumelos de fragmentos da fervura

Sais secos cristalizados nos gêiseres

_ congelados na irradiação

Fogo aceso Fogo braseiro

Amor traiçoeiro

Vem e me veste

As sementes ficam

prometendo germinações

_ que incandescem

que nas chamas não florescem

Fogo de amor eterno

---

[36] Escrevo em alternância, falando das chamas menciono em plural e do fogo em singular, como uma alma mais profunda e onipotente.

Queima de sacrifício holocausto
Sofrimento em devoção etérea
Luz amiga na escuridão
no dia apagado da ilusão
Amor de fogo encontrado
de seus infernos de verão

Do canto dos olhos, vi
As chamas derretidas em vidro
fundidas Sentimentos consumidos em
_ combustão

TOCAR DA FRAGRÂNCIA

IDYLLE ✠

| ao Amor Idílico | 12 de Fevereiro 2019 16:14 a 16:43 | Anotações da caderneta de papel fotográfico

Você
uma estrada de flores
cachos de loiras conversas secretas entre estrelas
de céu e mar
Um caminho a andar calmo às escarpas
beira de planície
Aromas de arco-íris em peônias e frésias
No caminho de casas alvas abandonadas
Sopé de cidade amortecida falésia

em névoa almiscarada da manhã
guarda singeleza felicidade
encachoeirada nas entradas de grutas
em seu horário misterioso
proteção do rebento de Maia[37]
Cachos curvados de lírios-do-vale
Erguem a olhar halo de nuvem do amanhecer
Espectro do canto do Rouxinol
Encanto de belezas encorajadas de chuva límpida

Você toca em mim
em perfume acetinado de profundo gosto
Lichias e framboesas
_ orvalhadas de amor
Nuvens como mãos de luvas
em renda de teias brancas
Scaramouche[38] sorri oculto
Some entre emaranhar de parasitas
Ressaltado de um contrastar branco de flor
Em passe de mágica
Dedos me tocaram
em arrepios de coluna Parthenon[39]
Resisti em pé
por milhares de floradas
a relembrar presença de criatura

---

[37] Lenda referente aos Lírios-do-vale, vide demais referências do poema.
[38] *Scaramouche* - Palhaço integrante de trupe, que se esquiva. Relativo a filme de mesmo nome de 1952.
[39] Partenon ou Partenão, em grego Παρθενών, transl Parthenōn; em grego moderno Παρθενώνας, transl. Parthenónas – templo dedicado à deusa grega Atenas.

Rosto ensombrado por chapéu pastoral
margeada por cercas das fronteiras
Montanha das vidas
Adormecida em fragrância Idílica
em gracioso movimento
se revolve entre sono e luz
derrama coberta de nuvem de condensação
Veste-se vestido de céu puro
Deixa o dia pintado em meu lábio emoção
e caminho de flores despertas
em *bouquet* de Maialis[40]
com frescor da manhã

Verso da Folha

Fragrância em sua maioria de flores brancas, com notas cítricas de framboesa e lichia. Teor sensual do Chipre - Patchouli e Almíscar branco. Flores Lírio-do-vale, peônia, frésia, rosas búlgaras; de floral frescor, me inspira o tocar bucólico idílico. Referente à fragrância do perfumista Thierry Wasser, para Guerlain. Denota amor idílico e/ou maternal-filial, simbolismos de flores brancas e violetas em sua delicadeza e serenidade. Lenda do Lírio-do-vale que traz felicidade.

---

[40] Lírio-do-vale: O nome científico do lírio-do-vale ~ maialis ou majalis ~ significa "o que pertence a Maia". Com efeito, segundo os antigos livros de astrologia grega ou romana, esta flor tinha a proteção de Hermes (para os Gregos) ou Mercúrio (para os Romanos), o filho da deusa Maia.

RODA D'ÁGUA NUNCA

| 14 Fevereiro 2019 10H | Lago, pé da árvore

Há um dorso no pé do ouvido
com um zumbido frio de azul esgotado
Sereno vento que umedece a boca
com suas cálidas mãos a voar
Água que escorre mas tem que subir
Usina de rodas
que carregam acima das cabeças
o transcorrer inverso
Mão que se abaixa
ergue-se em gratidão
Sorriso de sede morta
Água de aqueduto que em fio corta
Sentidos antes impossibilitados
Que no fim
de tanto sacrifício
Forças de moinhos de vento
Água que sobe
_ e também evapora
Nos banhos de piscina de pedra
encontro
sempre encontro o vento

Mas tudo que sempre está
é o que já veio e já foi
Roda d'água Nunca para
Ergue músculos de vidro e
suas salivas mais profundas
Amor que verte
que já não se encarcera
voa em pontes de céu de espelho
dos olhos irrefletidos
Toco mão em água
parece um conter incontível
que passa
subsiste em frescor empalidecido
Venha e não venha que terá
vindo
Ame (ou se engane) o que terá
mentido
[Ame a verdade lúcida insana]
então terá vivido
Água que sobe
morde o brilho de seu lábio
aquele franzido
apenas carimbado das relações opacas
e de espelhos em fungos enfurecidos
Roda que em seu corpo grunhe
Danças que superam dores
da ordem natural contradita
Roda que sorte ganha
de esforço cumprido
Nunca é o que se sabe da contramão

Águas que se acasalam
novos lagos congelados no obscuro da lua
No mistério da noite crua
Traduz um sorriso em gemida grua
Em labirintos de vidro
águas congelam vento futuro
A roda da vida Nunca se exime
do perigo da água que não chove nua
E nos pensamentos andando perdida
guardo em bolso as represas infinitas
Agasalho meu coração com mãos macias
em pranto de flor deposta
em meio a todo verde amigo
que dança o vento
para me acenar
timidamente tocar alma sôfrega
com os batimentos
tentando acompanhar as músicas

Roda que contradiz
Retira água e em sucessivas rodas
Eleva tudo que se pensa impossível
E sofrimento que é dor
cicatriz que água pura curou
E no fim o beijo sempre ficou
Salivas de salinas de opalas
Nunca que era não que o tempo não curou
acaba-se diante da própria força
de tempo que o empuxou

E o Amor Nunca o derrotou
Tão impossível como a água que sobe – Amou

(Água límpida – tão poderosa que
não domina os sentidos de si mesma)

VERSO DA FOLHA

INSPIRADO NA ENGENHARIA DOS AQUEDUTOS ROMANOS, COM SISTEMAS DE RODAS D´ÁGUA DE ELEVAÇÃO, TANTO PARA MINAS E MOENDAS, MAS TAMBÉM PARA ALIMENTAR AQUEDUTOS QUE ABASTECIAM GRANDES CIDADES ROMANAS, NOS PRIMEIROS SÉCULOS.

RITUAL✠

| 16 FEVEREIRO 2019 11:45 | ESTÍMULO: CRISTAL DA CHAPADA

| MÚSICAS: DELERIUM, RITUAL | REFERÊNCIA ORAÇÃO DE SEXTA-FEIRA SHABBAT

“44 Na sétima vez o servo respondeu – eis que sobe do mar uma pequena nuvem, do tamanho da palma da mão. Elias disse-lhe: Vai dizer a Acab que prepare seu carro e desça, para que a chuva o detenha. 45 Num instante o céu se cobriu de nuvens negras, soprou o vento e a chuva caiu torrencialmente. Acab subiu a seu carro e o Senhor veio sobre Elias, o qual tendo cingido os rins passou adiante de Acab e chegou à entrada de Jezrael.” I Reis 18.

Quando as lágrimas do coração da terra

Choram as luzes do portal
A voz soberana canta no murmúrio
_ do silêncio

Apenas a chama que derrame
Visão através do cristal da pureza
Com ninho de meus dedos
Emoção no coração
Dores que deponho os sacrifícios
A dor O suor A alegria O dom
Em chuva ascendente doo
como despojos – o tempo
como joia – O amor
Dou mãos aos dedos de arcanjos
que sua luz aprisione as bênçãos
neste cristal
entre minhas mãos
Espada de Uriel
Sob chicotes de fogo
E disparar da carruagem de Eliah
Que levante poeira de luz na escuridão
Que circundem-me suas chicotadas de fogo
Corte e arrebate as sombras do mal
Tome o caminho e eu nele
nesta estrada que meu cristal
_ me elevará
Que as falhas antepassadas eu perdoo
Súplica de misericórdia a elas
que mesmo em tempo portas se abram
_ em oportunidades

que às pessoas que estas falhas afetaram
_ recaiam bênçãos

Luz de Uriel que corte o egoísmo
Luz de Uriel que mostre a pequenez
Sombras do mal evaporarão
Em meus olhos o despertar de libertação
como oração de lágrima de sangue de alma
que não recaiam falhas aos descendentes
e nenhuma outra geração
A queima do sacrifício
que o ser supremo evoco em meu coração
nos joelhos de humildade
somente suas luzes me levantarão
A gratidão de meus dons
que luzes puras de bons propósitos permanecerão
e o amor caiba poder de reparação

Diário dos Dias Nebulosos

|Terça-Feira 12 Fevereiro 2019.11:50 |Músicas:To Know You – Groj, Minor Cause – Emancipator, Recuerdos de Allhambra – Francisco Tárrega |Publicado 12:12

I Diário dos Dias Nebulosos - Evolar

devora

Quando inicio um propósito de dizer nas letras, quase como um suspiro dos pés que doloridos, feridos, aninhados nas mãos das nuvens se umedecem de um bálsamo de Aloe, em tapete da poeira da soleira da janela, com um reflexo impossível de dias além da nebulosidade.

Desse ímpeto de rasgar a blusa, dar os passos cansados e espremer músculos desfibrados como corda sisal indicando os caminhos a qualquer caótico lado, sem direção, sem plano, degraus de chantilly a gelar partes inflamadas da alma.

Calo-me em alma derretida? Engasgo sonhos invertidos? A roda d'água Nunca se precipita com as fumaças e vapores intocáveis, das possibilidades verdes. Uma tênue sombra no horizonte, das cores que o Sol jamais teria tido.

Eu olhava curvando os nervos e franzindo olhos, por uma brecha não abobadada, querendo um sorrir impreciso e único, engolindo a fome corrosiva e o temor absorvido das coisas retiradas a cada dia desse ano estranhamente arruinado.

Olhar que buscava silhuetas nos vapores sublimados em evolação[41].

---

[41] Evolação – neologismo - ato de evolar.

Estendia a mão no toque da visão. As cores se misturavam com um vento invisível da passagem do meu gesto pela imagem ao fundo, como uma propagação da alma do vento. Um espírito que modificava o ir e vir, a cor e opacidade, a neblina avançava em fronte para guerrear com meu enevoar.

Houve um momento que não andei. Desejava me sentar em algodão puro e branco, sem gotículas de água nem sais com odores gritantes.

Queria uma cama de seda. E as suas cores pairassem em teto fechado. Queria os tecidos que falassem e dançassem ao vento, como as mãos que não me tocam.

Queria que o sonho eu sonhasse, como um gosto que permanecesse no palato, nas palavras exatas, as que me mortificam, me amarram forte, me fazem músculos que em uma machada me fizeram a dor tilintar sino agudo a todo tempo rompido.

Eu esculpiria flores inexistentes para suas coroas entregar como barcos nos ventos da noite clara, na brisa da luz do dia eclipsado. E nas brumas andaria com a blusa de gelo rasgada, correria, descalça, com os dedos transparentes e recém-nascidos, como andar trôpego e sorriso intrépido me lançaria caindo para frente, assim jogada direto, como mergulho na neblina ensombrada de Sol menino, e me afogaria em caldas em sabores em frutos indecisos, em gestos não ensaiados, em total submersão no oculto desses braços, no calor desse peito, no amor pasmo e inexato, em música da água da roda, caída em partículas e gotículas da saliva de Nunca.

Entre as dores eu deixaria minhas chagas, nos espinheiros retorcidos e ressequidos, com o indicador cada espinho, amolecido, quebrando-se na base, cairiam como chuva esquecida. E as visões se abririam planas em asas de sobrevoo fremido de ar sustentáculo, e cores se fariam encontradas em si mesmas em rico brilho.

II Diário dos dias nebulosos – Dissipação

|18 Fevereiro 2019 23H 23:50| Serendipity – Gary B | Ritual – Matt Lange remix - Delerium

Sentada diante do vidro leitoso, sem reflexos ou resquícios de meu semblante, da ruga e meu propósito atenuado.

Horas brandas inexatas, em tilintar ou gotejar persistente da réstia da chuva pendente, um frio que em abafar precede o girar dos meridianos.

Estonteante dor me circula enquanto me giro procurando a visão clara sonâmbula inversa. Eu ainda estava antes da neblina densa em *fog*, um grito estridente emitido das profundezas das frondes talvez. Aspiro o ar da rispidez. Sentada em beiral, toco as luzes que transitam na calha das folhas mortas. Fantasmagóricas pegadas silentes de meias perfuradas do ardor, nos locais das chagas amarradas em *bouquet* de flores sempre, sempre-vivas.

As horas paralisadas na corrente sanguínea nas cores novas da guiné, no arcado das telhas a dureza da vida abrupta sem as cores do *solarium* da casa, em nenhum frescor, nem odor, sem o gosto certo da saliva seca. Boca emudecida de sonho torpor.

Beirada da cama das cobertas tramadas de algodão, em suas pequenas brechas talhadas à mão, em seu som revolvido como da areia seca, e da vida arisca em pulo de gato que foge em sangue pálido do rosto.

Um rangido. Um chiado. Um grunhido. Um respirar fundo ao lado e ombro revirado no contrário, na noite de anidro.

Vidro que perde o transpiro, vibra como as pestanas me firmam. Lumiar apagado na madrugada cortada em estilhaço de vidro.

Uivo. Um rebimbar da galhada mais alta do cume, do cimo que estonteia as águas do telhado, seu curso infindo.

Percorrer de pérolas perdidas nas correntes em grunhidos.

Noite que corre seu último líquido.

Um ar que expilo de uma vez, intranquila. Olhos mornos perdidos, nas esteiras depostas no chão antigo, na falta de umbral, de apoio ou cajado, ao mesmo tempo adentrar da fronteira oculta na atmosfera líquida pairando como leite ebulido.

Sem vento declarado, sem movimento de dedos das horas, sem voz de encantamento, subitamente, olhos vidrados percebem as floradas de visões que começo a vislumbrar com o dissipar.

Milagrosamente sem explicação o mistério da elucidação do dia antes que ele nasça, em silhueta adormecida, das visões pedidas, do voar contido na real paralisia.

Ali já entre passos e vagarosidade do acaso, ereta me ponho os olhos de volta, de brilhos acordados do silêncio do ultimato da noite, a neblina se findou.

Um vestígio de seu acontecer, paira no coração gélido, de dores sucumbidas, das possibilidades que a imaginação leva a torturas do mais sangrento momento de vida, do peso da alma do pingo, martelando o ferimento, ou um apertar maciço do girar de parafuso, a quebrar o pescoço da esperança. Consciente do frio em lâmina seca, de corte fino e fio invisível, sangrado de folha de papel riscada sobre a carne, e gotas de vidro vermelho que caem espatifando o silêncio do piso congelado em pedra-coração surdo-mudo.

Lábio que se aperta um contra o outro, da morte iminente do momento segundo.

A primeira luz que cruza o horizonte como pássaro fênix ferido, soltando suas cinzas, arremetido e deixando rastro da luz na base da última visão, a visão ainda leitosa, de um gelo partido estreito acima da linha montanha, iluminado na base, deitado sobre as pernas do céu, plantando semente de chuva para algum verão.

Meus olhos de margens imaginárias concêntricas em sua pupila de buraco negro vorazmente devoram, devoram o mundo, sua fantasia é tomada em farrapos, sua tez é arrepiada e úmida, igual ao toque de um gelo geado de suspenso granizo.

Meu dedo se recolhe aos bolsos do robe em felpa alva já amanhecido em cair tecido, nele o morno tato de seu arrepio.

Luz transversa me fere, me revira olhos, escudo com palmas de mão, pequenos vértices agudos de lapidada pedra invisível, corta os prantos da faringe, do vento de gole árido e um pequeno tremor quase imperceptível do olhar fixo no dia fingido.

Retorno ao leito com planos de sonhar o inesquecível, fazê-lo vívido em dor das faces ocultas do sentido vazio.

VERSO DA FOLHA

MELANCOLIA À BEIRA DE UM COLAPSO. TEMPO LIMITADOR DO FUTURO. DISSIPAR DE NEBLINA, DISSIPAR DO MUNDO INTERIOR NA MORTE DESTE FERIDO PELA REALIDADE MÍOPE DA ILUSÃO PROJETADA E INVENTADA A SUPORTAR A CONCRETUDE DA VIDA E SUA FACE DE ABANDONO E DESAMPARO. O TRANSCORRER MAIS INSUPORTÁVEL DO DIA MARCO DESSA DOR E SUAS FACES OCULTAS DA INDEPENDENTE REALIDADE, SUA TORTURA VORAZ E SANGRAR MILIMÉTRICO A CADA SEGUNDO CONTADO E LENTAMENTE INSUPORTÁVEL.

III Diário dos dias nebulosos – Condensação Noturna

| 26 de fevereiro de 2019 | 12:58 | Músicas: Path 17, Dream 0, The end of all our exploring, On the nature of Daylight - Max Richter | Ida a Joinville, dia após a lua cheia

Deslizavam o chão, as árvores, as luzes, como rastros intocáveis permaneciam em um átimo, entre uma fala que se abafava longínqua, em pequenos ecos desapercebidos por detrás da cortina de tristeza. Minúsculas gotículas alteravam o vidro em sua transmissão.

A lua então se calara. Rosto que me sorriu decrescia os tempos, retroagindo os momentos recolhidos nos rastros de pneu que porventura meus olhos percebessem que se formassem.

A noite me recebeu, sem braços, sem morno xale de finezas, apenas um soprar cortado dos ares na estrada da ida, em constelações que murmuravam seus pedidos em desejos, da visão mais impossível, com aquele aleitamento lentamente recolhendo os espíritos do hálito da voz lunar, ainda reverberava últimas sílabas e timbre apagando-se em reflexos amarelos pálidos.

Adensava, no temor das cumeeiras de serras entrecortadas, por lembranças quebradas em vidros, filetes de brilhos ofuscados, no fugidio ar gotificado.

Em libação evolada, partículas se reuniam e se abraçavam em brancas fumaças, como vestes de anjos se movendo em outra dimensão de tempo, em passos de nuvens, e aos poucos, sua presença ia se ocultando por trás dessa névoa, de uma espécie de mar revolto parado, sabia que ali navegavam os ares, ao lugar mágico infinito;

ia, deslizava, mais adiante do que minha vida e meus olhos poderiam alcançar.

Então essa presença, sem precipitação, ainda suava os vidros, nossos portos de desilusão chegavam-nos e iam, nos acomodávamos sem saber grau da dor, sem saber o começo e fim dela, sem caber o firmamento.

Água e um leite morno, um olhar macio de amparo, para todas nossas mãos inábeis caídas como galhos, estrada sem flores, estrada sem nada, apenas o céu que em mar nos afogava, as palavras proferidas em automatismo e as pupilas desfocadas.

Em um túnel de infinito perseguimos a luz oculta, os passos dissolvidos na condensação da água do mundo e todas as coisas sólidas, porém ocas, num profundo vibrar em denso som do tempo partido, dos prantos colhidos, brilhos ósseos fraturados, em nossas bocas secas e olhos furados e vazios.

Deslizamos, à sombra da luz, à margem da silhueta das roupas sem vulto, no caminho do adeus profundo abafado na neblina condensada na meia-noite à deriva. E o ser correu, se afastou, afundou-se na névoa condensada, sem breve, sem cabeça voltada para trás, sem decifrar o semblante, sem reconhecer o andar, o sorrir, o perfume, o olhar, misturada à uma neve líquida fervida, desapareceu-se o encanto, a alma cativa, as mãos dos gestos, a ternura mais querida.

Houve o momento mais perene que duradoura noite, nos chibatando os suores e os encantos, nas paisagens mortas e esse manto condensado de algodão, era o que meus olhos apercebiam, de um encanto olhar de víbora cobra, numa trajetória na qual nos deixamos levar inertes em nosso exasperar e exaustão. A exaustão essa que se plantava em solas dos pés, nas barrigas dos dedos, no músculo do enfoque do olhar e em nossos membros. Vestimos a cegueira fresca da noite, por momentos de chuva de cristal, ora orvalhos não mais intactos. Até que no fi-

nal, sem mais veículos, nossa solidão comungava os fatos, entre nosso silêncio sonâmbulo, numa busca inexata e malograda, porque queríamos nos agarrar a uma imagem refletida, que ora ocorrida estava esvaziada e irreconhecível, como os lumiares estranhamente boreais, nas nuances dançantes, alegria revoada içada nos oceanos pairados nessa bruma adormecida.

Uma cor pasma, uma cor apagada, acordava, que na última parada, mal-estar me arrefecia, bem longe na margem baixa do horizonte, nascia, em pequena brecha dessa cortina que nos separa. Adaga viva de fogo brando contorcendo-se ao inverso do fogo, uma espada de luz me cortou o pulso de agonia, numa estranha promessa, a luz prometida, lugar de âncora, de mansidão enternecida, com olhos marejados e sombrosas olheiras fitei o sangue dessa voz calada, ainda morna e fria.

Dia que nascia nas fronteiras de nossa despedida.

Uma brisa descabelava, pequenos fios recordando vida, uma luz pintava as maçãs e a revoada acordada de libélulas de luar vítreo, com uma espécie de encanto hipnótico, como beleza de mágica distraída.

Por um instante, estava em casa, estava em mim, tudo era calmo, tudo era o antes, mas era um instante ilusionista pelas mãos prestímanas de algo absoluto, a nuvem logo ali oferecida.

Como oferenda de nossos prantos e rogo aos santos dias já idos.

E meu reencontro com esperança, não se desenhou, não amanheceu, não se projetou de sombra em árvore, só o vento que cortou e nos fez ouvir a fratura de nós mesmos.

IV Diário dos dias nebulosos – precipitações

| 01 Março 2019 12: 20 -14H ininterruptamente, correções 14:30| Estímulos: observação chuva em momentos longos, chá, cotidiano, música e áudio 20190222 shabbat* | 22 graus célsius, chuvas intensas em dia chuvoso continuado de ontem, tempestades alternadas com chuva branda e pequenas interrupções. | Mezanino. E.D.N.C.| Músicas: My Silent Mystery – Tigerforest, Loud – Tim Hicks, Vulcano – Francesca MICHIELIN, TONBKO – Nyusha, Nazreh Mili –kaya PROJECT, THE love dance- Mystic Diversions

Fez um silêncio do rugido das precipitações. Um hiato onde as plantas espreguiçaram. Pétalas derrubaram de si as gotas excessivas e as corredeiras minguaram deixando ainda um rastro de partes de plantas e resíduos vestidos de grânulos arenosos de terra ferida.

Ainda no crepúsculo da noite emudecida sem luar, um céu esquecido, a escuridão em uma espécie de espelhamento da voz apagada do ser que se diluiu e desapareceu, refletia luminosidade lúgubre do luzeiro sem ilusões, distraído em seu próprio aquário estava em meu lumiar branco amarelado, da casa no momento do jantar, a mesa de toalha esticada, olhávamos silentes nosso pão dormente, ele cortava cebolas e eu lentamente dançava colher pequena a capturar um mingau grosso fora de ponto, com as pernas estiradas diante da mesinha de centro, vendo desfocadas as imagens de TV sem perceber mais nada, engolindo com dificuldade, tentando pensar na dor da perna não no meu coração. Havia uma temperatura morna refrescada, as janelas luziam a montanha vestida de nuvens baixas, e era um momento de estiar da chuva fina, que me acompanhou os serviços da casa, me observando meu desalento e atrapalhação.

Extenuada, não me cabia mais desalento, esquecimento, andar em círculos, cansada do sumo do cigarro, do ran-

gido de abrir de portas, do meu cabelo esquecido em despentear mechas sobre a testa e face, lágrimas que ressequidas rolavam como grãos de areias ao chão lustroso no ar perfumado das roupas que secavam na ilusão de sombra.

Havia um resto da sensação de abrigo, que tanto me aprazia, de um teto sobre meu infortúnio, a expectativa de um ar que me abraçava, e de um prazer estranho que me fazia sentir poder de não estar no relento da chuva da vida precipitada sobre a cabeça como pedregulhos rolantes do céu, ou meteoros apagados, ou um cometa suicidado, que me perfurasse e de mim arrancasse. Arrancasse. Arrancasse mais um bocado.

Desejosa de bolos, de acalento de sentar lado a lado, imersos em nossos olhos caídos desse momento, me arrastei a dormir, ou o que o sono me doava a cada vez mais menos de seu olá, de seu manto azul morno de estrelas de cores novas que jamais poderia descrever.

A extremidade das telhas gotejava mansamente, enquanto eu me despertava todas as vezes, em cantarolar que avolumava, com mãos gélidas da real percepção e a sua própria imaterialidade, do esquecimento sem razão.

Eu rememorava a voz, o riso, uma frondosa risada de cume das folhas em vento forte. Rememorava enquanto poderia, pois logo na precipitação o som evadiria. Não saberia mais os rastros das enxurradas acabadas e apagadas por um sol que retornaria e o vento apagaria aquele caminho escavado, com seu esculpir cingido no meu coração. Assim a vida me moldaria como falésia, como rochedo que despedaça e se torna desfiladeiro alto e intocável, com árvores que nascem sobre ele sem nenhuma mão que as toquem ou as ameacem.

Na madrugada nos goles a sede me retorceu, e o estampido do choque de grandes pingos socados contra o chão em estampido de uma explosão frustra, eu perambulava com pernas de pano, sem firmeza, na escuridão roubada

de uma pequena lâmpada, com o seguir dos olhos e orelhas felinas, a porta de vidro me impunha a solidão suprema, nos ares enfumaçados da nuvem chorosa, com lágrimas incessantes e rugido de pranto na madrugada com um vento que assopra as frestas como flauta desafinada de alma penada.

Eu sentia o formigamento no lado esquerdo da cabeça, como mãos de dedos longos que me acariciassem os cabelos negros reunidos em madeixas onduladas e desorganizadas como água de mar. Sentia a água não desanuviar minha tristeza e a noção da falta de caminho para cada próximo passo. Abismo *canyon* com marcas sedimentares e cortadas das eras de águas precipitadas pelos milênios de ilusão de viver.

Uma cortina branca se formava da continuidade de queda d'água, transbordante calha de enganos, de meu tropeço, de minhas buscas e meu totem de verdade. A rudeza fazia meu rosto incrustado de aspereza e rugas do tempo.

Dormi, só pude abafar aquele fio d'água incessante, lembrando um colo que hipoteticamente eu construía como uma gruta de acolhimento, nos instantes mais abruptos da tempestade.

Tentando me distrair na hipnose dessa ilusória solidão abrandada, pulava pequenos intervalos da noite, conferindo os esbravejos da tempestade, inaudíveis pássaros de amanhecer, inaudíveis cricrilares afogados, inaudíveis respirações guturais, inaudíveis gelos cortando as vidraças, desenhando rastro de poeira roubada da tarde de verão.

Um chá fica prometido para a manhã, quiçá em abrir de brechas em luzes escapadas do desfiladeiro, trotando a descida da planície com o recolher progressivo das sombras da noite, em cor verde amarelada de alegre girassol.

A chuva intensificava nos braços mornos do acordar de voz doce e de terna compaixão, olhos e brilho cinza, furtivamente saíram pela porta, encostando delicadamente

para não despertar minha dor, eu - a apatia me comia viva. Cada pedaço já arrancado do coração, das silhuetas indecifravam no virar das esquinas enevoadas do dia que acordado sonolento em embriaguez lembrava as entranhas de bile congestionada em dor de estomago espalhada.

Sem vontade, engoli quieta os ponteiros gelados do relógio, como chocolate duro enrijecido, olhando sem foco migalhas caminhando nas costas de fileiras de formigas miudinhas, e na porta do quintal desfilavam gotas e gotas caindo das águas do rancho ruminando a falta de oportunidade, o decorrer do tempo nas águas que seguem seu destino sem aviso prévio, sem negação, um desfilar de memórias como gestos típicos e trejeitos característicos da singularidade de cada gota, como fantasmas, como entes queridos que me mandam gestos de lenços despedidos.

O cansaço me engole em leite gelado, gosto insosso e desconhecido, sem perceber do que passa na boca, nem palavras murmuradas dessa umidade que invade os tecidos da casa, pequenas manchas emboloradas nos cantos das paredes, um orvalhar miúdo no canto do vidro, água fervente de chaleira que encanta dança de bonecos indescritíveis na fumaça que se eleva com vigor, entre sons das borbulhas quentes, espirrando farpas de queimar o pensamento do coração ferido.

Após a saída do carro, o portão se fechou, encortinado pela chuva intensa, meu horror como um casaco grosso me revestiu, nas andanças baratinadas sem destino dentro da casa, com as coisas sendo arrumadas, mas esquecidas a toda mão, nada que pudesse continuar, a não ser as águas deste recém-nascido março, antes cheio de luz, de inúmeras fantasias para colorir alegrias, mas agora, a chuva estrala o silêncio mortal de choque elétrico que percorrido nos tendões e músculos, deixa-os retesados e trincados, com um formigamento que relembra a vida pulsando as veias, as têmporas, o nariz que se arreganha aos aromas do vento calado, a boca que franze a dor do

tempo, e a testa que amortece as luzes do dia esvaído no frio antecipado, arrepio dos braços, uma garrafa reluzente com chá quente, caneca com depósitos de açúcar sobrevivente da dissolução, os livros espanados, as janelas arejadas, mas o mais presente cinza dos dias do meu coração.

Longamente entre um gole quente, com florada de jasmim que tremulava entre meus dentes, ou o gosto pastoso da bolacha deglutida de farpas de coco, tudo me fazia um anzol espetando uma lembrança no pensamento, deste ou aquele espectro líquido de luz morna andando no ar da casa, com a luz elétrica que para e volta, com um barulho, um desabar inesperado, uma janela que é esbofeteada com rajada de vento de vácuo.

Só as precipitações podem dizer, murmúrios das almas amigas que não possuo. Só as precipitações podem me levar mansamente nessa lavanda, dores e ferimentos em soros purulentos das atitudes mortas, em ramas quebradas, em partes feridas de folhas, em poderosa força de continuidade me mostrar os caminhos dos vales, que florescerão.

Entre as páginas e pensamentos fugazes sobre os destinos do meu livro secreto, eu deslizava os dedos nas linhas escritas magistralmente, frases em elegante postura e andar bonito, palavra de som sorridente, pontuação adequada ao tempo que viveu, os dizeres precisos a dar conta de todos os lugares que pela minha mão me levou, nos meus recônditos pensamentos tentando conter o vapor das esperanças em bico de chaleira deposta de lado em parapeito de granito verde escuro, e os aromas tentavam me impulsionar os olhos para cima e frente, e voar, como ser efusiva, estonteante diante da beleza e fascinada na doce melancolia desse partir, os fantasmas dançavam em visões de correntes como água congelada translúcida, e meu ser despiu-se. Transparente ficou. O pensamento permaneceu vívido, sentado em roda de fogueira de deserto noturno, em grandes presenças florais e verdes encavernando meu caminho, uma

montanha de pedra que a cortina é-se puxada e a visão forte, desse fortalecer e o poder de ensinar o aprender, tudo se enxerga ao longe e em sempre, no desanuviar da alma mais sofrida, que paciente se suporta.

Fez-se silêncio das águas. Fez-se um carinho de interrupção da chuva intensa. As águas pingavam miudinho e parando.

Ouviu-se então um piar, um cricrilar, um latido, um miado, o rosnar do meu olho de lobo, os dentes mostrando fibra, salivas contidas de olho vidrado, prestes a abocanhar a presa.

Ouviu-se um galho se curvar, a folha cair, o pingo descer corrente, a gota se soltar da extremidade da flor da ave-do-paraíso, a porta ranger, a vidraça do vizinho abrir, um tapete ser batido, um guarda-chuvas chacoalhado, as unhas do gato riscarem a telha quando pulou ao telhado, um batido de asas, o bicar do pica-pau no dorso da árvore, os pés da abelha tocando o pólen como grão de ouro, o passe de mágica a cortar os ares no voo das asas da borboleta dançando ao redor da árvore murcha e corcunda em folhas entristecidas, o farfalhar de cada folha da grama soltando as gotas e se arrepiando aos céus, a taturana dançando contorcida subindo na parede – se ouvia – ranger de meus dentes e o equilibrar da louça fina no antebraço de meu passo, galgando degraus dos novos tempos feridos. Ouvia-se, o ferimento se achegando de mais uma pancada de chuva, se aproximando como gato para atacar um pássaro distraído, ouvia-se estalidos dos ossos da coluna, das articulações dos dedos, desse despertar de força interior que ela tanto nos contagiava, dessa presença de alegria, desse tilintar de refeições em mesa rodeada de festivas pessoas e comedorias – ouvia-se, meu respirar aflito dessa consciência de trezentos e sessenta graus de um radar distante em presença do mundo, apesar da minha pobre vida, ouvia-se-me, esse murmúrio de estrondosa precipitação de pérolas de águas contidas, represadas da linda existência dos meus entes perdidos, carregados nos braços das

águas, deixando na continuidade da precipitação, sua imensa sabedoria, essa dor mutilada de parte de si amputada, nessa sedimentação na planície com as cores lindamente sabidas.

Ouve-se a chuva, intensa, real, imensa, poderosa, curativa e destruidora, sentido sem sentido, caminho indefinido da vida, acachoeirada, destino misterioso elucidado no seu indecifrar. Esse doar infinito, maior do que preciso, me recorda seus gestos, nunca retribuídos em suficiência de minha gratidão. Silêncio meu que ouço, as vozes que agonizam as faltas dos seres encolhidos e recolhidos nesse desaguar, águas, águas vertidas, foz e mar.

Ouço, minhas palavras, as coisas que não disse, as novidades, as coisas que nos falaríamos em conversa longa, por telefone, até que a orelha doesse como se tivesse a cair, por horas, em risos e falas entrecortadas, em tanta coisa que no fim de exaustão nos despediríamos já combinando de nos falarmos, eu chorava isso, ouvia essa sensação na chuva que açoitava o chão, meu ser deitado sob essas dores de granizos.

Que, na vida, as memórias são a consciência do vivido, e de alegria e dor, dor estacada em espada transpassada nesse coração de alma perdida, sozinha, nessa floresta de ilusão, sem esperança, tentando, tentando seguir as informações ouvidas na estiagem, nas fagulhas divinas, luzes fugazes de encanto e esclarecimento. Que o esquecimento é o melhor antídoto.

Precipitações na noite que em dia se propaga, me encasulo, me recolho em meus braços, me agarro a voz terna de filha, me agarro a qualquer coisa que não me deixe levar, me agarro nos aromas da presença que perfuma a casa, mesma voz rude, mas mãos que pousam em meu rosto na desilusão, no momento dessa partida, me acarinha, me guarda no peito e no amor insone sonâmbulo.

E no primeiro sol que corta, as emanações da terra empapada de água suam vapores e dançam todos os fantasmas, junto ao meu âmago perdido de meu corpo. Ouço. Percebo a presença que se desfaz o encanto.

V Diário dos dias nebulosos – Apogeu do halo

|06 março 2019 00:00 às 1:24| Música Sehnsucht Thomas Lemmer, Abyss – Doctor Flake, One Love – Lukas Termena, Woman – Mumford & Sons, Snapiness – Blank & Jones, Much too Much – Andain e Concerto para piano Chopin nro 1 in E menor por Daniil Trifonov.

Águas dissolvidas na imensidão da noite retangulada em meus olhos sem visão, penumbra líquida da sede nevada, em gárgulas arranhadas, de rochedos abruptos. Três janelas e vento parado. Relógio adormecido na bateria fraca. Ruídos mornos, passos abafados, raspar da estaca, rangido, rangido da extremidade do vértice do cume da fronde pendido ao limite elástico.

Árvore intrusa. Ninho abandonado. Espinhos estáticos à espera do assalto.

Pássaro engolido nas nuvens negras e halo cósmico de uma aresta constelar, da matéria negra, borrada, expandida e engolindo as lembranças vividas, o rosto, o acaso, o manso, a flor, a cor, o alento, a canção, o timbre, tilintar das duas luas brindadas, os sóis eclipsados.

Estática sem saliva, sem boca, sem parte de mim, assisti à desilusão do desterro desaguado das precipitações emancipadas. Assisti a ida das partículas de minha pele, luz de rosto, ângulos de expressão, voz que não proferida. Sem acenos e sem agitos de alvos tecidos em cones floridos de primavera pacificada.

Ar frígido de melancólica fuga das corujas, da nuvem mareada em tempestuosa noite ressecada.

Vozes das areias soltas da terra batida. Tropel de cavalos amarrados impacientes de sua dor incompreendida, de arreio preso no riso fendido.

Vozes do toque das folhas tripuladas pelas meias gotas esquecidas no caminho fluído de arroio barrento de humor lamacento, para meus olhos purulentos.

A certa hora emudeceu-se ainda mais, a voz do tremular de bambus, de suas folhas de adagas macias e flexíveis, emudeceu-se minha língua, meu olho cansado dos cílios pesarosos, exausto do canto vazio da aresta seca da janela trancada em sua tramela emperrada.

Acerca do tempo, a madrugada escorrida, havia fendas na escuridão, observei prontamente, de fogos brancos de rebentos de nuvens condensadas perto do chão, do lago que desse ângulo eu não perceberia seu vidro. Elas me flamejavam cores estranhas do cinza de anemia de alma branca enjaulada em suas veias transparentes, como trajes de morte de anjos que regressavam de onde vinham, assim me deixando vestida pela noite e meus trajes frios.

A madrugada me envolvia em ausente lucidez, como um estado de torpor, modorrência e alucinação, e a montanha se deslocava em minha aproximação, com suas extremidades se movendo como asas de abutres, sobrevoando meu telhado, alto, se removendo para então desnudar a lua, em disforme forma, diluída em seu manto de halo, brilhando o turvar da visão, como um estado hipnótico, como o conforto morno do embriagar.

Ela vibrava e parecia sorrir, como uma fome esgotada com leite morno achocolatado, revolvendo a garganta de muco que parece florescer internamente como cipó desfolhado, com nós delicados e galhos estreitos.

Emergia, assim como as primeiras luzes do dia, um galho de arbusto, que fino e bipartido se partia, se esgueirava pelo coração da noite, flutuando e se florescendo, como seu crescer condensado em único dia, formando uma silhueta negra acinzentada, que ia se manchando

de fungos e recrudescendo de espinhos que se encorpavam feito espadas curtas.

Entre os galhos trepadeiras se imiscuíam como veias negras fora do punho, como colares de pedras hematitas, cipós sambaíbas, cipós amarrados e seu haustório[42] desenhado de manchas que perambulam a visão cansada. Muraqueteca. Muirateteca. Muiraqueteca[43] e todos nomes de guerra. Eu olhava a silhueta de vasos sanguíneos de sangue negro furtar o céu cinza que clareava, e a lua que era apunhalada de folhas de negramina[44].

Eu desesperava o amanhecer, o dia que eu não saberia viver, e com ele todos os momentos vagos, inexatos, opacos, distópicos, amórficos, sacrificados, eu desesperava calma e intacta, assim olhando por detrás da trinca da vidraça e sua guarnição de verniz cansado. Olhava o vento que viria, as águas mansas e os sais aglomerados nos acúmulos, nas corredeiras já filetadas, suas margens esquecidas, suas preces apagadas.

O sol em apogeu, em seu halo intersectado na despedida do luar guardado em seu halo mais prata do que o dia, em um encontro estranho de trajetória intangível e impossível. Olhava a árvore frondosa investir as espadas contra o telhado, meu olhar intrometido, e ferir o corpo de alma expandida de luz.

Caíam flores-de-lis, caíam sinos e seu soares, caíam rangidos e pontes de galhos secos, caíam nuvens que nem haviam subido, caíam as penas cinzas e negras dos pássaros emigrados. Caíam estrelas dos horizontes mais longínquos da fronteira do halo galáctico[45], caíam pingos

42 Relativo ao Fitoparasitismo, haustório é uma estrutura fúngica ramificada ou não (Do latim haustor, oris, 'o que tira (líquido)', 'o que bebe').
43 O cipó-caboclo[1] (Davilla rugosa - também se registram os sinónimos botânicos de Davilla brasiliana DC. e Davilla pilosa Miq.) é uma planta, trepadeira, lenhosa, de tamanho variável.S ambaíba.
44 Siparunaceae – relativa à Siparuna guianensis Aublet. Planta do cerrado brasileiro de poderes medicinais.
45 O halo galáctico é a região do espaço ao redor das galáxias espirais, incluindo nossa galáxia, a Via Láctea. Tem um tamanho aproximado

invertidos como âmbar de poeira cósmica, como nuvem rasteira de tempestade ocre, e havia um perfume de promessa esquecida, de algo que eu não identificava nenhuma paridade ou similaridade, não podia saber em nenhum rosto desses seres nada que me dissesse algo que eu já previamente soubesse.

Seria um dia atípico, diferente, em todas as possíveis características combinadas e mutáveis, que pudesse trazer esse momento tão diferente, que me permitia seguir um rumo nesse sumo seco e ar pairado, como se meus passos pudessem pisar sobre essa visão se dirigindo ao horizonte em pouco esforço e tempo. Como se ali proximamente, eu ainda pudesse tocar aquela mão branca vestida de luvas rendadas que as luvas se soltassem e ficassem presas na pressão de meus dedos. Uma última recordação de gesto, uma última sensação de presença viva, um último aceno como se mo dissesse o descrever do infinito, ou de um caminho jamais visto.

Seria um novo despertar de um sonâmbulo chá das cinco da madrugada, entre cadeiras flutuantes, entre espadas de luz envoltas nesses halos de seu brandir, nessa consciência de sua presença além de seu contorno, nessa existência de seu movimento vibrado como uma respiração.

E as luzes de vozes angelicais me tocavam em tecidos de nuvens sem densidade, pairando em redor dessa mesa, desse momento morno e de uma espécie de encorajamento raro, como uma festa de despedida, predizendo meu tempo, predizendo meu levantar das pernas, meu movimento de braços, tudo lento e sem gravidade, deixando um rastro de presença de momento intercambiado, uma imagem repetida do passado, como lembrança vaga, enquanto longe o mar pairava calmo, em silente acalentar, em murmúrio de rio que o invade frio, que se dispersa invisível, e tudo vai se evaporando no levantar

---

de mais de 15 quiloparsecs. Pensa-se que está formado por gás interestelar pouco denso, estrelas velhas (anãs vermelhas e anãs marrons) e matéria escura.

de um dia cinza, de montanha adormecida, de prantos ressequidos.

O halo se expandia, um céu de nebulosidade fina e dispersa, quase um azul nascia tão esbranquiçado que mal podia se perceber, mas a árvore se corava lentamente, um piado me arrepiava, e um vento bem delicado soprava nos vazios, sem ecoar nada mais, nem meus dedos derrubarem gravetos mortos, meus dedos tocavam o ar, nesse mar imaginado de alguém vivo na distância, cujo coração batia na imagem fantasma do sol, uma pulsação sentida junto do meu peito esquerdo, amornada daquele mormaço que já me envolvia. Como se de alguma forma, alguém me abraçasse dessa dor, desse momento perdido da vida.

Halo que brilhava e em minha boca derretia. Sabores incongruentes impossíveis, dos passos que eu ainda daria, como uma criança que mal aprendia, dizer algo das coisas e dos dias.

Assim eu soltava um balão de gelo, que subia nesse céu, com as palavras manuscritas dessa evocação de tudo que não pode, que ficara interrompido. Balão que lentamente subia, se encaminhava a um vento alto e ligeiro sumia.

VI Diário dos Dias Nebulosos – Vésper Ocluso

| 18 Março 2019 12:05 | Lista Imersão MCRomaro

Não importa o quanto eu me deixei saber, das extensões dos meus toques, do incenso da minha voz permeada de emoção, os meus dedos se estenderam tocando o recorte imaginário das vértebras da montanha, perfazendo os vales inclinados, antigas árvores cabisbaixas, intromissão de pastos, a memória do voo de tucano, contrastando

o mármore encimado como pórtico triste de regresso de soldados feridos.

Aquela tarde, três dias, em um *solarium* me franzi olhos nus, dentre a força estática que me calou os movimentos, degluti água seca em garganta embargada. Fitei os voos de minhas buscas, e adiante da dimensão haveria o ser me observando, me perguntei se não se omitia no belvedere, se não estava na penumbra de um veículo estacionado, se não teria um espelho de projeções distantes…

Tardiamente meu pensamento se alongou sob peso de meus ulnas[46], esquecido num transcorrer ínfimo e ao mesmo tempo perene, de quilhas de navios cinzas que navegavam o pico da montanha, se enfumaçavam sumindo ao meu encontro.

Sentia que eu poderia estar neste périplo, que imaterial eu vagasse as vagas afogadas do frio chamejante em luzes distantes de ardentia por átimos, omissas, que a contagem do tempo se alongava, tal um momento de arrepio da noite, eu imersa nos tecidos frescos sem as vestes das luzes antigas.

Uma mecha que dançava única quase se arrebentando sobre meu olho direito, buscando cores espalmadas e vapores de bolo recém saído do forno.

Houvera andarilhado a casa, sem vestes reconfortantes do sol e suas lambidas ásperas de gato, e sua vaidosa poda das pequenas germinações, sua adaga rasgando a terra argilosa dos prantos amansados num charque.

Arrebatamento me elevou ao dia dependurado em tempo invertido, na contramão dia e noite, as vestes do nevoeiro mais amedrontador, que aleitava o lumiar dos postes em cor de chá inglês derramando em fraturas de espelhos.

Um bando atiradiço voava crocitando algo que podava nos pedúnculos as folhas amareladas.

---

[46] significa dizer meus 'ossos' ulnas. Elemento omitido.

Um coração gemido impoluto de tons cinza de razões insensatas. Um coração vigoroso de cabeça-inchada, vibrava seus passos no rodízio da porta, na vibração da vidraça, na superfície do globo ocular.

Permaneci.

Toda nau que sumia engolida nos céus fechados, dragados a um baú de naufrágio, as verdades cortantes, as horas rasgadas, a dor carapeta do calcanhar, trazia as sensações insanas desse transpor vazio, desse lugar de achegamento de ilusões que encenava a fusão de vultos cristalizados do gelo de um cirrostratus em desenhos ornamentados de vestes cravejadas de pedras de luzes gestadas pelo engano e pelo pranto.

A certo momento uma nuvem densa, negra como uma adaga árabe, como um punhal cortava a visão, em derramamento petróleo, com contornos de fumaças feiticeiras, e explosões de queima de pólvora, de faíscas e luzes rugindo dentro dessa rotunda, em sabres de raios e lanças elétricas que serpenteavam a montanha, agora sangrada negro, com estremecer forte em estrondo de trovão, da luz já esquecida e novos soldados empunhando suas lanças, e flechas de luz, em segundos esturricando e partindo grosso caule de árvore sozinha de encantos.

Um ruído intenso percorreu rapidamente com um derramar de uma cachoeira de firmamento, engolindo nossos seres convulsos em movimentos de amor feito em vulto único dançando como um redemoinho perdido nos vales cobertos de leites escorridos em fúria comendo a terra e encachoeirando águas deitadas e os amores sonhados arrebatados nas vagas feridas em relâmpagos guardados em redomas de água sólida como um gume maculado de sangue de Vênus aprisionada em sua magnificência esquecida.

Engolida nas fumaças de um cigarro findado, amargava o real encanto esvaziado do amor unido, a tarde correu aos braços vespertinos, águas fugiram como um leão fa-

minto. Em meu peito se guardaram as salivas, a pele esfriada, olhos beijados de melancolia de mel de um pêssego, encolhi os dedos nas mãos que se puseram nos bolsos, e o vento rugiu enquanto como crinas agitadas meus cabelos crepitaram fogueira refulgidas de azul encanto, em memória de velhos tempos, remexendo caixa de fotografias, rodeada de pessoas à mesa, vidraça de chuva ruidosa, telhas espatifadas no chão, entre cafés e sorrisos, o fim do dia em um momento máximo quebrava a pasmaceira.

Uma luz argêntea se pulverizava em brilho por todas ruas, da luz oclusa incidida, as centelhas eclodiam como nuvens de evaporação tímida, eu andava, eu andava pisando os espelhos pequeninos desses seres voadores vindos em minha direção.

Andava, o som do chão umectado de ultramar e das sedas da veste de Vésper oclusa, nesse saber profundo e perspicaz desse sabor doce derretido no céu do meu mar, na imensidão iluminada pelo sentimento no vespertino prelúdio da sensação dessa comunhão de amor nos restos de nuvens depostas pelos abraços de vento, em línguas brancas que se fundiram em uma cor única - prata - do sentimento aceso estendendo mãos à primeira estrela da noite, luz planetária única de toques delicados azulados, como uma pétala de íris derretida, envolta em névoa.

Névoa que nos separa.

Entrei, cerrei a porta, vesti-me dos tecidos mornos acolhida, encolhida, com os calores emanados de um banho súbito, guardando aquele toque morno entre a pele e o tecido sedoso das cores mesclas dos mares. A lâmpada antiga incandescente, em carinho aquecia me resguardando do senso real, dos cheiros à queima, dos ruídos e vozes ecoadas que inquirindo o que eu queria. Mas em meus olhos morreram o desejo esmorecido em segredo esvaziando o gosto frutal do paladar...

Não poderia dizer os anseios e as realizações do devaneio do cair da tarde em finda tempestade. Não poderia regozijar das sensações febris do toque e do amar. Simplesmente as luzes não combinariam. Devaneio adormecia em furta-cor.

CAMPO DE VOO LIVRE DE PéTALAS VIOLETAS

|9 Março 2019 11:30 | Lista de músicas Imersão MCRomaro | Pouso de asa delta – Retiro das Fontes Atibaia-SP

Repousei sobre banco de pedra
Dançavam frondes altos do amanhã
- Já te conto como cheguei aqui -
Depois que recolhi gatinha do mato
Deitei caminho nos vales da serra
Fitilho de ar se envolveu em meu entorno
Passos dançados nas palmas dos pés
Pó e fruta do adormecer formigantes
Antes dessas chuvas de formiga
Certamente hoje era esse dia
Sol azul e céu forte
Persistia menta de frescor de nove horas
Saltitante entre cortinas de árvores
Uma nuvem me ocorria
abri os braços naquelas pétalas
que rodopiavam tranquilas mas ágeis
abri os olhos naquelas borboletas negras
como se fitas espiraladas caíssem
no verão em chuvas negras
escorridas em sua própria dança torneada
Andar que arrastava
ruído de latas ou grilhões
gemendo tristes badaladas de noite outubro

Ar fresco *madrugal*[47] dos dedos invisíveis
Tocavam meu rosto com carinho antigo
Descobrindo às cegas como eu poderia ser
Noite me tocava seu vazio ansiolítico
Seus dedos seguravam lobo da orelha
contrapunha dedos em sentido em versículo[48]
sabendo a firmeza macia e um aveludado
_ ouro vermelho
Dedos frente à[49] chama traduzia um calor
pintado na adjacência fugida da cartilagem
inclinava seu movimento brincando
com a caixa de sentimentos guardados em amor
O indicador tocava margem oculta do encurvar
entendia o cume que protegia a caverna
da ilusão da voz assobiada
nas falas de respiração cavalgante
Os travesseiros da palma
traziam sentido da tez da testa de sonhos
os dedos que pousavam imperceptíveis
sobre os mares do cabelo adormecido
remava suavemente sem sair do encostado
a superfície se esfregava às mechas
_ da meia-noite
Um ruído murmurava no noturno silêncio

---

[47] um novo termo para exprimir a musicalidade poética madrigal da madrugada.
[48] em versículo, seria uma expressão a dar ênfase na delicadeza do toque de segurar, com movimentos contrários, a descobrir a densidade da carne, e simultaneamente, pelo som, diria 'inversículo', afirmando o pequeno movimento inverso, em sentidos antagônicos longitudinais.
[49] Duplo sentido. O dedo em frente da chama da vela, cujo dedo fica em transparência; como devido ao dedo...

dentro do ouvido propagado pela pele amornada
Um brilho esquecido dos olhos me via
na mais estranha nudez da noite vestida
Com as mãos que mergulhavam mangue de cabelos
por entre os filamentos erigidos dos fios negros
molhado de brilhos
em sua raiz – o arrepio
em sua voz – um sonido de palha pisada
Os dedos que seguravam o escorrido
da nuvem castanha (de eterno)
Todas as sensações abraçadas permaneciam
fustigadas pelo Sol que me espionava
e de perto botava suas marcas incandescidas
[As flores que caíram As folhas que dançaram]

Sentei em um campo
um platô de gramíneas olivas
numa cratera de árvores de mãos dadas
Grande borboleta violeta
enfrentava ensaiar os ares
Recaía desmaiada rolando gramado
Novamente alguém empunhava os seus tecidos
Eu rabiscava um momento comum acontecido
paraquedas inflado de cores
recortava o verde infinito
verde me picava tornozelos
azul engolia pupilas
amarelo queimava espalda
Os vultos nadavam uma dança
a brisa fugia e voltava

Um dia de Sol esquecido do verão
Um romper de primavera em hora errada
Asa delta que abria
manobra rápida de pontas de lápis
_ desenhavam
os restos de contorno violeta
de pétala violeta do lábio que me beijava
(longamente)
Eu andava
vestida de alma Sentia a pulsação
da alma coração Respiração profunda
Passos largos determinados

Segui
Se derramavam nuvens de águas geladas
Se entornavam as cores do suor da pedra
_ inclinada
Se derramavam flores navegando rio
Micro folhas em corredeiras de rajada de vento
Se derramavam pós de Sol adocicado
na minha língua derretiam
seu perfume entranhado na sensação gustativa
Pétalas doces dissolutas de cores vinícolas
Meio dia da lembrança meia-noite
Meia-noite nas sombras arrefecidas da rua Ipês
Se derramavam flores e abelhas
nos ninhos escavados da enxurrada
Tudo que desejaria
Esse caminho atapetado de folhas verdes
cama de pétalas revolvidas de voo livre

e emaranhar de toque e calor dos cumes da face
Tudo ainda jazia em fuligem pairando
Tudo ainda cantava e dançava nos músculos
Eu derramava
exultação de emoção incontível
uma lágrima que amarrava a garganta
projetava um sorriso inclinado de melancolia
os olhos atenuavam o campo esverdeado
de vapores enternecidos
Sentia que a existência do amor
andava comigo
via junto aos meus prantos
jubilava as belezas longínquas percebidas
_ (infinitamente)
Sentia que mais que sentar na caverna
junto às chamas de calor para o inverno
eram braços que dançavam meus movimentos
era lugar que ouvia meu coração e suspiro
era algo que sorria meu espirro
[Me fazia]
Quando o dia se fez mulher
Eu andava sobre a terra úmida e enormes pedregulhos
passos que empurravam pedriscos e pedregulhos
que deles brotavam faíscas e redemoinhos
o cabelo se erguia de vento quente azul forte
no belvedere encontro respaldo
Refrescor [50]de todo sempre que comigo

---

[50] Refrescor, trocadilho, termo proposital para fazer alusão à presença do frescor, com sentido de fragrância, e de sua existência como uma alma talvez, um alento, parte de mim, um braço que estende como conexão...

_ caminhou

içada [51]de pétalas e asas violetas

Revoo campo das flores que esse amor

_ semeou

De mãos juntas em voo livre

de tudo se libertou

Todo tempo esteve, se derramou e jamais acabou

VERSO DA FOLHA

REFERE-SE À ABSTRAÇÃO DE CAMINHADA RECORDANDO A NOITE E A PRESENÇA, ELEMENTOS REAIS QUE ASSUMEM SIMBOLICAMENTE A GRANDE PÉTALA VIOLETA OU A ASA, QUE NÃO DECOLA NO CAMPO DE VOO LIVRE E POUSO DE ASAS DELTA, COMO SE FLOR FOSSE E CHOVESSE E O SENTIMENTO ME VOASSE. CASA – RETIRO DAS FONTES – AV. DOS IPÊS – CAMPO VOO LIVRE – AV. DOS IPÊS – RETIRO DAS FONTES.

[51] Termo oculto é o pronome ela. Ela içada.

SOB O RISCO DE UMA CANETA VERMELHA

| 13 março 2019 9:34 | Lago do Major | All I long for, Let me stay – Gary B; Stay – Triangle Sun, III Ms Dalloway – Max Richter | Riscos... em ambos significados, a perda do medo e a realização do desejo escrito.

Corta a carne da noite
o que você não sabe
o que sabe que embebida está alcoolizada
do risco em manuscrito
em silente sorriso
Imaginação sonhada sem controle
Rosto que se afoga em despedida sem encontro
Acordar de uma saudade débil
em cores de sedas escorridas dos lábios
O que se sabe do que não toca
não percebe o sabor de calor elétrico
não vê a voz cortar o cabelo
não sabe a temperatura desse nado
não percebe a tempestade acalmada _
Ao lado – o sonho enfumaçado
desenhado sob o risco de uma caneta vermelha
Sob o risco de uma lâmina de papel
amassado coração
sob o risco de corte de caneta
em carta de papel inodoro
em voz de vácuo
Uma revoada surda na manhã pura
Flores simples de parapeito entregues

em mãos abertas evocadoras
Nesse franzir de sua boca ausente
No retesar de língua tentando compreender
corações loucos indecifráveis
nas cobertas caídas
por terra na noite acetinada
O que não sabe do que se materializa
Sem hipótese Sem uma profecia
Sem fantasia Apenas fisicamente
Solidão diluída na brisa coral
de um chá às cinco da manhã

Sob o risco de tinta
as palavras que permeiam a mente
dos desejos mais enfurecidos de
estrelas equidistantes
Os passos que deslizam
nas centopeias de uma cama na manhã
Um violoncelo murmurando trêmulo
as palavras impossíveis de fisgar
aquele peixe que voou
nos mares líquidos do seu rubor

Ah quanto seria esse amor dito
mal dito em inexatidão
se o fosse no calor da mão?

Ah como seria o amanhecer
nas mãos dadas senão ilusão?

Onde sua cabeça repousaria
a alegria?
Que palavras pós-escritas suas mãos
me diriam?
Que mesmos gostos
a simultaneidade nos permitiria?
Que chamas se incandesceriam?

Sob quais riscos de caneta vermelha
sucumbiríamos?
Aonde as palavras traçariam
caminho a nos definir
um sublime amor?

Que o dia me deixe
repousar no seio do sonho
Afundar em águas não afogáveis
Afagar os sentidos reais
em cores estampadas
nessas palavras que entrego às intempéries

Sob o risco
que tatua fogo submerso
em marca de queima
invisível
em grau de queimadura impossível

QUILO DE MAçã

| 20 Março 2019 23:40 à 23:59 | Dia mundial da poesia | Maçã simbolizando entre diversas coisas a poesia, sua aparência cálida, com interior suave e umectante. Libertação dos sentidos.

Quamquam[52] fosse meu rosto acossado
Sempre na calçada de granito
Cortinas flutuavam além vidraças
Junto aos cabelos e crinas
no apeio de travessas de troncos febris
Um musgo Um desgosto escorrido
O ruído ruidoso estridente da feira
Hora cheia badalando onze para as onze
nas folhas altivas de sumaúma[53]
dos caminhos atapetados de paina

Passos bravos Braços abrindo caminho
 Olhos que procuram nas frondes
 onde estão no *pomus*[54] as maçãs?

Corpo esquálido com pés de raiz de roseiral
Dormente de janela Arco de portão de quintal
Esquina de casarão sob sombra do campanário
Som dos passos dos martelos de escombros

---

[52] Quamquam -Lat. – ainda que, posto que.
[53] Sumaúma - árvore frondosa que alcança até 70 metros (Ceiba Pentandra), samaumeira. Nome originário do Tupi. PS – Conhecida como 'Árvore da Vida' ou 'Escada do céu', os indígenas conheciam como mãe de todas as árvores. Suas raízes chamadas sapopembas, madeira branca. Informações colhidas de diversas publicações na internet.
[54] Pomus - árvore frutífera.

Cascos dos cavalos suarentos
e as paredes enfeitadas de mariposas
Rouxinóis silenciando o alvoroço de pardais
Um quintal de sinhá acocorada a redrar a vinha
Um proêmio de nebulosa em flor
Gotas caindo dos galhos carvalhos
Circundando um esquecido coreto urinado

Dentes vagos que queriam a mordida
na maçã caramelizada de amor?

Dia *Röte*[55] de Sol esquecido a derramar caldeira
Ruidava um buril cingindo pedra
Um ferreiro assentando ferradura
Vassoura de piaçava jogando poeira velha
no meio fio do engano

O que há na carne da maçã?

Naquela outra casa porta cerrada pela aldraba
Olhar furtivo no postigo entreaberto
Harlekin [56]em artimanhas *poetae*[57]
e um verdugo a esbofetear o embriagado
Um pároco se fingia sério
quando passava sob as janelas cerradas
nos sons vazados de gemidos de um lupanar[58]

---

[55] *Röte* - alemão – vermelhidão, rubor.
[56] *Harlekin* - alemão – Arlequim.
[57] *poeta* -ae Lat. – o que faz, produz. Mágico, inventor, artista. Poeta. – Neste, no sentido de mágico das palavras.
[58] Lupanar - Bordel

Os olhos reviravam aos céus seráficos
Entre os dedos descalços topava-se com radícula
de girassóis anêmicos dos dias esquecidos
nas flâmulas tremulantes de bandeirolas
de alguma quermesse amanhecida

Uma esquina Uma topada
Desvio de desengonçados como batráquios
enlameados
A rua de comércio
Ao longe ouvia-se jargões de venda
Telhas em arco de argila
cor ágata vermelha

Que gosto é a cor
da casca de maçã desse afã?

Na soleira da porta
moça vestida de uma roupa azulada
com penteado lustro enfitado
de olhos - encapetados

Na praça apinhada de malandros sentados
De vendedores de fumo de corda
mendigo sentado ao lado de sua espórtula[59]
O entra-e-sai da loja de variados utensílios
Mulheres com seus pacotes de aviamentos
Menina na frente do armazém

---

59 Espórtula - cesta de donativos.

metendo uma caneca nos milhos soltos à granel
refestelando os dedos entre os grãos
lágrimas secas do Sol
guardadas em sacos de pardo papel

Em sede que me ardo
as maçãs que escolheria a dedos largos?

Tendas coloridas bailando vento forte
Tempo em tempo
últimas gotas respingando sobre as frutas
como uma cáfila de cajus reluzentes
pimentões e infinidade de verduras
Uma ininteligível tergiversação[60] de regateios
silenciava em murmúrio esquecido
As cores da feira e o perfume ácido
Caixas de madeira cuidadosamente empilhadas
Mulheres de olhos esticados
Sobre uma banca uma pilha piramidal
de maçãs
maçãs voluptuosas frescas em
labium carmesim
envoltas em gotículas do suor da manhã

Qual semente enraíza
primeiro gérmen de sua ira?

Em frente às tantas maçãs

---

[60] tergiversação - Motivo invocado como subterfúgio.

com uma sacola repleta de *panaceae*[61]
algo que de infusão promova minha cura
de riso escancarado no piado
piado esquivo de rouxinol arrepiado
em um grunhido arqueado de bico do olho
de um toque tão leve de pena miúda
macia como a tez de lã de *ternero*[62]

O que verte quando se morde um
naco de maçã?
Que som rasga uma mordida?

Co'as mãos colhendo frutos
brilhos em vermelho envenenado
em frente banca de ervas aromáticas
cheirando longe alcarávia
alecrim orégano e hortelã

Sobre uma tigela oxidada em tons
obscurecidos e contrapostos os pesos de chumbo
Tremeu-se o ponteiro da balança
no *carcamano*[63] de uma maçã
meio raquítica me dada de lambuja
Pesado quilo acomodado em sacola listrada
Rosto corado e coração leve
Mão que apanha em abraço
lustra maçã na blusa decotada no peito

---

[61] *Panaceae* - Erva capaz de curar todo tipo de malefício.
[62] *Ternero* - esp. - novilho
[63] carcamano - ita. – Peso da mão, forçar do peso para majorar o valor. Inescrupuloso.

Saliva o lábio despetalado
embebido de desejo

Olho com olho enfeitiçado
cor retinta com reflexo convexo
de minhas mechas molhadas de olho sofrido
em vermelho pigmento de cochonilha
Vagarosamente maxila se eleva
se apruma e prepara a mordida
quando as camisolas de serafins
se derramam doce-ácidas
até o talo das sementes
Entre fragmentos de casca lisa
e areia molhada
com seu gosto de boca
vermelha sangrada em ágata

DANÇA DE DIADEMA DE LUZES DIAMANTE

|25 março 2019 20:53 | Solidão, toque, amor imaterial, rio dos três rios | Estímulo Dança | Músicas: Take you home – Dido, Sunset – R.I.B, In Between – Schiller, Always – Gavin James, If Today Was Your Last Day – Nickelback, My Sacrifice – Creed, Crazy – Alanis Morissette, Perfect – Smashing Pumpkins

Um rio congelado em artérias

nas horas pratas polidas da manhã
contorcer silencioso de um rastejo
Ventar de madeixas afogadas em mercúrio
Andar sozinho de uma rajada
e Olhares atentos
Saborear de manjares
de sorrir lavado descido encachoeirado
Vertido a contento
Profundezas das nuvens caídas
nos passos insones de botos despidos
Seja estio de te derreter
(ou) Uma voz insólita
ecoa nas blusas de sedas
rasgadas em marcas de unhas
nas grutas de falésias

Pensamento na ondulação ferida
águas da noite sentida agitada
em lambidas de espumas
e arrepio de bolhas rompidas

Sombras engolidas no manto etéreo
do rio que ensombra escapulário

Em braços de músculos
Esticadas fitas verdes
emaranhadas da dança solitária
Olhos liquefeitos
Varas de folhagens dançam em graciosidade
Mergulham no pender do passar
do frio e da escassez
Folhas engolidas nas bocas

dos vidros quebrados em mosaicos
de pingos de chuva que não houve

E com essas mãos
invade-me invade-me
possui os nós de madeira
areias finas de brilhos
cores matizes do espectro
Constelações perdidas
como oceano profundo
de adeus de filhos
desse rio chumbo
Vulto inquieto
estático
em geada de meado de
madrugada pálida
e insano amar

Apesar da chuva
Encurvar de bambuzas
Mergulho das folhas mortas
e antigas ramas abarcadas
desse toque imortal

Solidão em vento outonal
Arrasta todas as margens-areal
Nódoa à beira de sangrar
Dor em aneurisma nas mãos
da noite vital

Rios negros avermelham
em intrincados desenhos nos vasos dos olhos

Um pulsar amargo
Um gelo que sucumbe
Sem um sentido
um alento
Apenas dança
dança de naja
coral cascavel
Brilhos negros do fim
em trançar sensual
num movimento diabólico
por onde passou
lambeu tocou
feriu arrancou
torturou

Para só no sereno
do primeiro lumiar
em brilho mudo
se saber
o derramar
copulado de amar
nas luzes do pulsar
de coração diamante

PODERIA

|29 março 2019 16:30| Músicas: If I say – Mumford and Sons, Shape of my heart – Sting, Souvenir de Chine – Jean-Michel Jarre, Sehnsucht – Thomas Lemmer, Spartacus - Triunvirat

Poderia teu coração me voar?
Poderia tua voz me nascer?
Poderia tua pele me calar?
Minhas mãos seriam lisas como casca de um ovo
que como neve derretida escorressem esquecidas
pelos tombos e grutas perdidas
Queria que com a manhã viesse uma estrela da noite
caminhos dos caracóis mansos norteasse
Eu seria um momento de o fogo cortar o céu
Seria a terra esfaqueada de meteoros
cujos fogos de olhos tecessem penumbras de açoite
vapores emanados como minha alma ao léu
arrastando guizos dos chinelos bordados
dos fragmentos do coração do fogo carnívoro
Meu andar seria uma trilha de fumaça
Um rastro dos perfumes envoltos de amor novo
Eu queria ser uma braçada de flores a se achegar
no peito das luzes do dia seria tecida do fio teiado
encoberta pelas nuvens de seda
Trazer a aranha do sol nas mãos
das margaridas chovidas pelos ares
girando como cata-ventos espirais
Queria trazer mistérios piramidais
Lágrimas do amor umedecidas
em perfumadas tranças de amoras negras

Queria ser bafo de fogueira do inverno
dançando sorrisos inversos
por entre fagulhas e incensos
Traria consensos de olhares
em íris peônias flutuantes
em dias bordados por agulhas e sândalos
Eu poderia aquecer como luva
Poderia sangrar como uva
Falar palavras borbulhantes
Tocar levitante ínfimas ranhuras do lábio
Beijar as pálpebras de teu sonho
Fazer dele um pavão feroz
capaz de voar até a foz
Poderia dar-te meu gosto
chocolate liso
arrepiado corpo
Poderia ver todo teu pensamento
como aleitamento de luz
em miragens do deserto
Poderia ser um raio calado
no meu toque de afeto
que destelhasse a casa
fizesse a pedra esférica
e mãos como plumas douradas de mato
Eu poderia ensolarar
tua pele fria
Comer velocidade de tufões
beijar como chá morno
subir os seus vapores nas minhas visões
Felicitaria a terra tórrida com gotas das curvas

Amarraria meus braços com as cordas da chuva
Amaria tanto quanto meu coração poderia
Poderia ser espaguete ao dente
Mergulhar cabelos nas águas quentes
Comer pão fresco em nacos
mergulhados em azeite de gosto diferente
Eu faria do céu um xale
de pirilampos um lampião
de teus olhos o lumiar
de amor que se gira como pião
do tempo - alento
Poderia na madrugada
ser fosforescência de cada grama
cobrir-te de luar
guardar teus olhos no polegar
Na próxima manhã
bordado estaria tecido
com a leveza dos cabelos sacudidos
e Todas as flores borboleteariam

ETERNIDADE

| 31 Março 2019 | 23:30

Um fio que desenrola
caindo pelo meio fio
um novelo umbilical
e nós que desatavam
sem a menor intenção
Um fio de luz sangrada sobre meus lábios

nas manhãs mortas de impiedoso frio
Um fio de início com um sopro em meu rosto
porcelana que cai e quebra sem uso
passos jogados e machucados de joelhos
choro engolido nas noites de passos
um fio de bile esticado no vômito interminável
um fio de filamento aceso que estoura
um fio de corda que arrebenta e relógio para
um fio elétrico que toca estremece por um segundo me *mara*
um fio de cabelo que me cai me brota me toca me branco
um fio de mão dada da mão que não me toca
um fio de navalha aberta encostada mas não me toca
um fio de corda que matou a vida parada
um fio que estrangula aprisiona me cala
um fio de esperança que não me morre me ata
um fio de altivez escorre cai na navalha da madrugada
um fio no dedo não me une me recorda
um fio arrebentado desamarra o desterro calçado
um fio de linha me costura pelo avesso
um fio de tinta me tinge a idade de gelo
um fio de teia me aprisiona no seu castelo de seda
um fio de meada semeada na vida do desespero
um fiapo de vida que se prendeu no meu destino sem seno
um fiapo de roupa desfiado do terror do tempo
um buraco negro roído por onde o vento esburaca o ouvido
um fio de olho vivo no intenso
um fio - um filho - o imenso
um fio – um caminho de incenso
um fio de fumaça tragada da vida amassada
um fio de sangue na calçada amada
um fio cortado - luz apagada
um fio de pensamento esquecido lembrado

um fio que acorda nasce e se põe quase na mesma hora
um fio da trajetória da bala
um fio da existência inacabada
um fio unido no outro lado
um fio infindo que circula alado

um fio vermelho amarrado

TOCAR DA FRAGRâNCIA

PASSION ✠

| 29 Março 2019 22:22 | Músicas: You – Schiller e Colbie Callat, Perfect – Smashing punpkins, In the end – Linkin Park, Memories from the sky – Solarsoul | Estímulos: perfume amour, gustativo – isotônico tangerina, motus – dança, concentração olhos fechados, áudio Para não esquecer | Novam scrituram Mara Romaro | Fragrância composta de amora negra, cassis, laranja, tangerina, cassia, toranja – no coração – damasco, lírio, jasmim, lírio-do-vale e rosa – de fundo – âmbar, fava tonka, cedro da Virgínia que confere aroma sedativo, relaxante, calmante que confere conforto, consistência e abrigo; baunilha e almíscar. | Inspirado no banho.

> *"Se eu tivesse que dizer alguma coisa Eu diria Eu te amo Eu te amo e eu não poderia dizer isso na minha sobriedade E eu me recolhi num pequeno momento Não vou dizer mais nem menos Isso não tem dimensão Eu te amo porque não existe porquê não existe motivo não existe alegria completa não existe nem tudo nem nada nem cores nem abraços nem as sensações Eu sinto você me desculpa eu sinto você Eu preciso de uma loucura para sentir isso para tocar seu rosto sua face Eu senti na minha face no meu rosto no meu lábio e eu não consigo deixar de amar de pensar e doer e sentir falta"*

Assim de um salto de Jaguarundi[64]

Noite me caçou Me devorou enfim

Enlouquecida de um aroma

Espíritos me avivavam

nas sombras projetadas que minhas mãos

procuravam colher do vento de Aldebaran[65]

como pó dourado desciam lentamente

orvalhando minha boca

O vento de tombar madeira

---

[64] Puma negra, cuja mutação do gene MCR1 lhe confere a pelagem negra.
[65] Estrela de cintilação de coloração avermelhada

me tremia tão forte

tão vida tão morte

> *"E desejo*
> *com meu calor com meu frio*
> *na minha sombra na minha luz*
> *no meu brilho*
> *no meu corpo"*

com meu corpo

no meu dorso

em meu março

em meu desgosto

em minha pálpebra

em estrela alfa

em meu gosto

Árvore que encurva

Pequenos bagos ocultos

na procura de minhas mãos

e das vozes surdas

Uma chuva Um sussurro

Amoreira com vinhas negras

Vertendo sangue

Impregna do vermelho azulado

nos esmaltes e nas unhas

Gosto que desce pequeno

Faz um lago de cereja

Na panela as amoras derretem

uma compota negra

como línguas de serpentes

Abraços líquidos

açoitados amados arrancados
Amora na língua
Sangue sugado
Ventanias e cedros
Chuvas cítricas laranjas
Com meu rosto
Senti algo tão alto
como fazer amor nas nuvens
Comer seu algodão
beijado de seu pescoço
E assim parir o dia
detrás de vidraça vermelha
e se apoderar do tempo de milênios
em frascos de alquimistas
O mundo descortina
Um mágico cavalga um potro negro
Não existe ir Não existe chegar
Existe alguém
que controla os ventos dos balões
que possui sóis próprios em seus queimadores
Rodopiando corrupios de nuvens
Rolando chuva de mato rasteiro
Esqueço tudo
Mãos que se unem e não doem
Amor flutuante
Verdade da ígnea chama
Cavalgar distante

Desço de seu berço de vime
Um pórtico amadeirado

Um aroma penetrante singelo

Olhar exótico de *anbar*[66]

que dispara faíscas

de toque friccionado

de choque eletroestático

de seus olhos enigmáticos

Que me magnetiza

adentra a casa

de cores e luzes

de lamparinas suspensas

Flores de jasmins

abraçadas em cristais

Estrela caída

de demônios ascendidos

Guia por entre uma floresta

Milhares de fitas acetinadas

Penduradas até altura de meu joelho

Em jogo de luz e sombra

Que se esconde

Que se encontra

Leito de cetim Vermelho carmim

Luz de balões de papel crepom

O damasco da mordida

Um arabesco que se desprende

---

66 *Anbar* - Arábico – âmbar. Resina fóssil originada da fossilização de árvores e plantas. Possui a propriedade elétrica, por vezes chamado de 'karabe' – o que atrai a palha, pela propriedade de adquirir carga pela fricção. Chamado também de eletro (eletrum), sucino e gleso, e hashmal, i'nbar, no século XIII os cavaleiros Teutônicos controlavam sua exploração no mar Báltico.

_ de uma presilha
Corpo sobre corpo sobre corpo
Nas ondas de fogo
de sol afogado
E os beijos eram morangos partidos
amoras mortas
entre cercas vivas
e pijamas de arlequim
Em luzes furtadas
Em banhos de braseiros
caminhei perdida
Nas mãos vazias de ter
Não poderia esquecer
Não poderia isso esvaziar de mim
Embriagada em incenso de cumaru
Nas cores cereja
e fitas sem fim
Eu *amavarei*[67]

Água esvaía
do redemoinho magia
uma rosa vítrea vermelha reluzia

Eu proferia silenciosamente
amor em sussurrar
até a voz morrer
num estranho tipo de prazer

---

67 Tempo inexistente, com propósito de dar amplitude entre passado e futuro.

[Illustratio 6]

Finalem

CONSIDERAÇÕES FINAIS

BASTIDORES DE 'FOLHAS'

| 05 FEVEREIRO 2019 | INFORMATIVO SOBRE A COMPOSIÇÃO DESTE TEXTO, IMPRESSÕES, INFLUÊNCIAS, SIMBOLISMOS. A MINHA VISÃO. BASEADO EM ÁUDIO. – CONFRONTE SEU ENTENDIMENTO.

Não sei se é para o livro sobre "imaterial", escrito no caderno 'Vacuum'.

Essa poesia ela foi pensada no dia que eu fui fazer exame, ontem, enquanto eu estava chegando ao lugar estava chovendo folhas. Eram folhas gotinhas, daquelas folhas pequenininhas que ficam presas pelos seus pedúnculos, são uma haste como uma espiga, uma vareta; e como se você passasse a mão cairia todo aquele monte de confetes, 'tava caindo muito daquelas folhas, muito antes da época, de se caírem as folhas. E havia folhas grandes, todas trincadas, quebradas, umas faltando pedaço, entre mordidas, pisadas, sabe... estilhaçadas. Pedaços para todo lado daquelas folhas que caíram, marrons, algumas meio-amarelas, algumas verdes-amareladas, algumas ferrugens.

E como a chegada do outono anunciada, eu olhei e tive aquela sensação do vento frio, da queda das folhas, da seca, da morte, da época de um passo adiante daquilo que floresce, outro passo daquilo que frutifica, e o outro passo daquilo que morre.

Então, eu pensei em todos os tipos de folhas e me passou um pequeno texto: ... folhas quebradas folhas entrecortadas folhas folhas folhas...

E aquilo me passou uma cantilena rápida na cabeça. e eu pensei um mapa mental rapidinho assim sobre esse texto para trabalhar e eu dormi com essas coisas das folhas. Dormi, amanheci; me deprimi. E tudo e... outonei. Posso dizer assim.

Aquilo hoje sob a minha árvore com as minhas gatas, uma folha caiu, a gata subiu aquela árvore. Eu reparei. O monte de folhas era imenso que se juntou das folhas caídas, aquilo já estava ficando húmus, cheio de seres ali e eu observei as duas montanhas de folhas – uma para queimar a outra para fazer a própria compostagem e pensando na vida, nos buracos de luz, naquela luz que vem para a minha face, como pequenos olhares de tudo que foi a minha manhã, enfrentando a tristeza, enfrentando a melancolia, enfrentando a dor, enfrentando os problemas e durante o dia a volta da infecção, eu trabalhei, as folhas estavam comigo com aquilo o tempo inteiro.

Ventando de um lado para o outro. Acontecendo. Aquilo que a vida entorna. O amor entrega.

E aquilo que se auto... como eu diria... Morre. Faz o seu encolher, aquele retorcer de encolher em si mesmo.

Então eu escrevi este texto, que fala de alguns tipos de folhas que elas se escondem nas saias ainda para se preservar das chuvas, são as folhas mais novas, elas nascem protegidas (árvore de nêspera) como se as folhas de fora funcionassem como sépalas. As sépalas protegem as pétalas.

E eu falo desse ciclo da vida. Desse momento que meu olho se torna a própria folha de outono. Que a morte se desenha. E eu falo desse tanto de folha caída, retorcida, quebrada, recusada, da vida como um todo até, de coisas que o Sol queimou, que a própria vida destrói. Que a própria existência do mundo destrói, ignora, e eu falo dessa dança mística, que é o próprio vento que faz um revoado cíclico, uma espécie de ciclone de poeira, e na verdade não é poeira, são as folhas que dançam ali circundando a si mesmas em volta dessa árvore como se festejassem a vida e o renascimento. Essa transcendência de renascimento dentro da existência da árvore. E fazendo essa palha, esse húmus em si mesma como renovação, como um manto, uma pro-

teção. E convivendo com todos aqueles seres pequenos que estão ali consumindo. – Eu falo da minha própria fragilidade diante das doenças que vão me corroendo. A própria depressão como a principal que tem essa voracidade.

As folhas amarelas, as clorofilas que se apagam, esse perder do viço, - esse perder do Tempo! O perder do tempo diante da vida, diante dos significados importantes com as pessoas, que as pessoas enterram nas suas vidinhas medíocres retorcidas nesse Sol, nesse queimar. E essas gotas ácidas são as respostas das pessoas que vão queimando, que vão destruindo aquela estrutura. Por um momento você tem só umas pintinhas e depois ela engruvinhando (folha).

E eu falo da tempestade, que forma um balé sensual com as pernas que vão se virando quando o vento sopra as folhas, que se revolvem e forma um balé onde as pernas formam um balé deitado, porque elas estão deitadas na cama – é como um ato sexual – aquelas folhas se engalfinhando.

E aí a tempestade faz essa dança de sacrifício pela falta da água, por essa falta, essa ausência física que mata. Eu falo dessa dança apática já sem essas cores verde, amarelas, com as cores amarronzadas e avermelhadas e ferruginosas.

E eu falo dessas luas que são devoradas ali como o próprio Amor, independente desse existir do amor, ele acontece ali, nessa própria existência.

Eu falo dessas coroas que essas sépalas de flores que ficam desfolhadas; e ficam essas sépalas que se ressecam e ficam como uma coroa e caem pro chão. Eu falo que ela cai para a cabeça erguida para auto existência desse ser, desse desfolhar de Amor.

Então a árvore se desfolha de amor.

Transpira isso, e essa transpiração – esse ar que forma esse céu. Isso é uma espécie de um engodo. Esse amor é uma trapaça de

um outro plano que faz esse ser existir, ser maravilhoso e ao mesmo tempo morrer todo dia – revivendo.

Então esse olhar dessa carcaça, dessa loucura de sentimento e o frio que se transpõe em tempo, que é o ciclo das estações, o inverno que vem pela frente, é o passado, o inverno dos invernos dos invernos. E esse tanto de invernos, esses frios, esses estios que reforçam a tristeza.

Os passos instintivos desses brotos que ressurgem tentando vencer a vida, se esgueirando pela vida, e essas promessas de vida. Esse esquivar da impiedade da vida, da chuva, do calor, da falta de água, dos granizos, das pragas, as formigas, das saúvas, tudo. E aquela dança de folhas e a dança das folhas vivas que cortam a luz, formando esses sabres de luz, que perpassam ali, dos olhos do céu que estão olhando.

Esses braços de árvores que estão retorcidos, essas flores que ficaram lá e já morreram, a sua dor mesmo. Essa flor morta é a dor. E a semente que vem para continuar outra vida, nessa enxurrada de água que eu digo que são os brilhos, mas, são a água – que pode simbolizar o pranto, que pode simbolizar a maternidade, a existência e o florescer, porque sem ela, não consegue. Eu falo que esse brilho é o que me leva, essa água da vida. Essa água é a água mãe da vida. É a figura materna na figura da mãe inexistente. Da mãe que não existe ali, que me renega, que passa por mim.

"Folhas folhas intrincadas estilhaçadas de colunas de esqueletos" são todos os tipos de entregas dessas folhas e é a perda dessa esperança.

Falo desse fantasma de revoar porque fica essa existência toda, ela forma dentro desse ciclo de cair a folha e ela voltar para a terra e ela alimentar o solo e a árvore, ela fica nesse ciclo, isso é uma coisa magnânima. Ela está em tudo, ela está na noite, ela está no dia. Ela é um fantasma. Ela é viva. Ela é morta! Ela é tudo.

Então aqui eu estou querendo dizer que o Amor é a vida, não a vida é o amor.

Eu falo do som estridente, são os passos, na verdade quando eu pego as folhas e quebro para fazer a compostagem. Forma um barulho de papel quebrando, sendo amassado, quebrando madeira, e esse mesmo som é o som de andar pisando na folha bem seca e vigorosa.

E aí esses são os passos do caminho que a gente ignora e pisoteia os sentimentos alheios. Isso é geral. Eu, você, alguém, todos, ninguém? É geral – o pisar descuidado.

E essa morte-vida do verde com tanto poder que ele tem, com tanta esperança que ele é, o que ele gesta nele é esse próprio renascer. É a reencarnação. Então esse amor é a vida, é a reencarnação. E não é a vida que trouxe o amor, é o Amor é que trouxe a vida.

Então eu faço um olhar para a espiritualidade com um conceito invertido que a alma que ficou, foi esse Amor.

POSFÁCIO

|06 abril 2022 11:57 22 graus, céu azul com poucas nuvens, brisa aprazível, terraço.

Immateriale, um sopro de flauta doce que aludiu uma eclosão do sentimento, em aquíferas almas da água, tórridos calores do fogo, não somente marcado por elementos, mas, por uma linguagem de um caminho entre jardins inexistentes, entre os elementos imaginários e reais, traçando uma forte conexão e esta-

belecendo esse vínculo do coração. Era percepção, gosto especial vestido de essência, fragrância, que sacramentava nos dizeres que tivessem a gutural verdade da minha própria voz.

Foi um tempo mágico que detinha minha emoção especial enquanto meu livro estava na editora, que cercava de expectativa, apreensão e receio, as asperezas da carreira literária, a indiferença.

Mas era um tempo de brisas promissoras. O etéreo se formava, entre as visões amplas dos meus olhos. Havia essa amplificação porque nascia junto com escrita do 'Conspectus'. Era um projeto que capturava algo além da visão. Era um vaso de flores gustativas, marcado pela transparência do vaso, da efemeridade, em cores que eruptiam de meu âmago, com sentimentos mistos reais e espirituais, entre essa mesclagem. A mesclagem e a contraposição de amores, me traz inserção de filhos, do que eles constituíam, ao dizer ' – o imenso'.

O tempo tem uma transição para o passado com um véu do momento agora, como se eu trouxesse a visão daquelas ruas, reminiscências para esse momento, esse na verdade me refiro àquele momento em que escrevi 'Quilo de maçã' entre as ruas e maneirismos de Atibaia do início dos anos setenta, mas que adicionava minhas suposições em contrapartida de como eu olhava para o amor desenhado nas minhas poesias, a onipresente esfinge de amor que me cercava entre todos os elementos da minha vida! Putz! Era um areal imenso de deserto. Era uma beira-mar inacessível pelos tantos anos, um enorme jejum, uma visitação imersiva em sua tez, lábio, olhos, e o sensorial imaterial das sensações extasiantes femininas, entre o senso de solidão e achegamento imaterial numa guerra interna de preservação da Amazônia de minha vida, minha família, em uma devastação de incompreensão a respeito desse amor '*Immateriale*' e tão, imensamente, carnal de um jardim de flores de chamas etéreas.

A voz. Foi marcante a partir de 2018, registros que me deram tanto a espontânea criação, a junção de estímulos que marcaram minha escrita, mas sobretudo, registros reais, dos meus elementos reais, os mais gritantes que exigiram minha transgressão do Português, e que já eram marca de crônicas, marca de observação e de uma peculiar e bizarra atitude de minha exibição, pavoneada, para o ser de amor etéreo.

A voz me posicionou nos ponteiros de chocolate comidos do meu coração, na volatilidade de sensações e ocorrências que colhi nesses frascos de gravação, e que foram preciosos para escrever 'Tocar da Fragrância Passion', dos quais destaquei *verbo ad verbum*. E essa expressão do Latim, foi algo ensinado pela minha professora de Português, era o nome do meu diário, foi o despertar para a língua, o despertar para a raiz da escrita, e era, uma paixão à parte para mim. Era meu estímulo inicial. Uma espécie de brasão. Então, o ato de registrar, palavra por palavra de gravações, algumas que foram para a crônica 'Quando o tacho de cobre vai pra mesa' e todo o livro 'Novam Scripturam' reuniu minhas observações da escrita, de como eu fazia e de como queria passar a fazer, que gerou um ensaio, o qual nem bem corrigi. Mas usei. A voz deu-me a parte espiral do livro 'Affectio', dos registros desse amor. E isso começou nessa fase, de 2018.

As 'Germinações do Mar', eu chamei de primeiro a terceiro mar, com diversos registros em áudio, para a viagem a Bertioga. Era um marco. Eu passei catorze, quatorze anos! Sem ver o mar. Sem pisar a areia. Não era tão-somente a felicidade desse momento oferecido pelo meu filho, mas uma percepção de extrema sede dessa presença. Por isso, gerou descrições que amo sempre, e posso me deliciar com a gravação original, a que originou o 'Terceiro Mar', como a materialização da silhueta do ser amado, nas águas em amor com as areias. Era como estar

naquele mar e amar, com as areias entre os dedos, e todo êxtase. E que esse hiato, representava muito do hiato de distanciamento com a pessoa alizarina.

O livro tem muito do que é o êxtase do amor impossível. Do toque que se desenha, redesenha, esculpe, murmura, grita, incendeia, tatua, enruga, umedece, lacrimeja, faz uma pulverização atômica do corpo, entre o senso físico e o senso mental, mas eletrifica com o senso etéreo dos jardins idílicos 'Viridarium', sacramentais, espirituais.

Sinto que por essas bandas da escrita, desde 'Conspectus', desde o 'Confissões do Absurdo' principalmente, nos diários do universo paralelo, a jornada espiritual ganhou outro universo, um céu novo, que se transforma em céu lápis-lazúli no 'Phasma' que é a literatura de minha jornada xamânica.

Esse é o livro Dezesseis. Como um interlúdio entre tudo desde o livro quatro, em diante. Era um véu leve ao vento, era para ser suave, mas foi mais forte.

Neste livro há descrições que enveredam para atos de amor, de beijo a tudo, poemas como 'Intenso', 'Beijo Dilacerado', 'Mel de uma vida', 'Traços do Sopro sob a língua', a suíte 'Germinações do Prazer' que tenta através das sensações da ida à Grota Funda, resgatar momentos do passado para um agora que fizesse o enfrentamento amor versus amor.

Mas o que ocorre é um caleidoscópio. Visões sobrepostas ao amor eruptido com a voracidade de sua imposição, que se incorpora na montanha, nos elementos intocáveis, até porque fiquei reclusa, por causa de um tombo, e levei muitos meses me recuperando. Havia essa profusão de coisas inatingíveis que se impregnam desse amor, e revelam mais e mais o teor de seu magma.

Percebo, ainda se apresenta a visão de amor filial, aqui como algo em evaporação, ou caracterizado por sua presença diária e inúmeros significados que se pode entender das nuvens.

As nuvens e a nebulosidade, a presença espiritual da água vem como uma suíte de textos poéticos, o 'Diário dos dias nebulosos', que fizeram profética percepção, e exprimiram o meu luto de perda abrupta de minha amada irmã. A primogênita da família. Um ser afetuoso e tão repleto, da sabedoria e educação, da fineza e gestos de amor, que me fez desmaiar com a notícia de sua partida. Entretanto, os diários, contém uma observação além da melancolia, contém gotas preciosas belíssimas do tempo, de ocorrências cíclicas e revestimento existencial. São pérolas para mim e ao mesmo tempo um cajado de marfim. Manteve-me.

Há muita coisa que poderia dizer sobre os poemas, vale a pena, aqui minha paixão pela Pamonha em 'Beijo doce do Sol', que liga o prazer e saciedade na falta do amor. Um dos primeiros registros de áudio do 'Primeiro Mar – primeira manhã' há o dizer "Amor que eu ebula na efervescência daquelas mãos de água resfriada". A incorporação que vem como imagem poética desde a poesia 'Dunas de Fogo', não sei em que livro consta.

'Germinações do mar' denominada nesse agora, os textos sobre Bertioga às vésperas do lançamento do meu livro 'Vipassana' pela Chiado Books, se encarrega dos sons, onomatopoeses, remedo a mim mesma, descrevo gesticulações, ocorrências, em espontânea linguagem onde transgrido, e faço essas escritas ignorando a mandatória regra para os pronomes, entre outros termos inventados, mas havia de conter meu embebedar de brinde à vida, à felicidade; a imagem dessa visão profunda em reiteradas ocorrências do êxtase supremo desse amor e amar. A presença do etéreo que se materializa, que contém pulsações nervosas das interações físicas, contrapostas ao ruidoso da alegria familiar, em cores que percebo agora emocionada na relei-

tura quão gratificante foi ter registrado tantos desses momentos puros, que ficaram no antes da pandemia, e que parecem tão seculares embora não tão distantes, tão preciosos! Ainda bem.

Esse livro contém a cristalização de emoções do céu profundo do coração, ao qual se faz uma ponte quântica (que permeia os espaços com esse tudo), que pulsam meus corações que de mim evaporam. Era uma transpiração de alma que não poderia ser perdida, mas fotografada como um transe mediúnico, como meio de permitir expandir a real compreensão de mim mesma, ter esse 'si' dentro das linhas da mão, como suor retido em pérola, como parar do tempo, o congelar de uma emoção, como sorrir e chorar simultaneamente, doer e ter clímace, e vestir e investir-me da vestimenta cativante das flores que estão nesse rosto que traço esboço, que toco com tintas os dedos imateriais e que constituo nova visão, prismática, só minha, possível e inquebrável, no fio de tinta em que resguardo.

É também um momento do saber das consequências. Sobre diversos pontos em que isso me transforma, mas que passo a diluir o julgamento para obter afinal a luz cristalina.

No final das contas tinha uma ode à felicidade.

O vento. Ainda agora me toca com mãos invisíveis. Que não ousaria ventar, aventar, nada até que minha língua pousou apenas encostando sem deglutir o coração do figo. O figo resfriado em suor, sobre a mesa, entre os traços de grafite do que marcava o rosto, a paisagem, o jeito, e o movimento dos cabelos. Confesso que a imagem favorecia. Era impossível para mim me abster de pintar. Era como ter entrado no momento e ter tocado suavemente tudo adicionando minha presença no capulho, o amor, e no figo, o toque de amor oferecido.

A alizarina, o pigmento, da tinta, passei dias olhando catálogo da tinta, e esbarrei no que era perfeito, não magenta, não vinho, não vermelho, não laranja, não cereja, havia em si impessoalidade, imaterialidade, uma cor absurda, algo que não podia ser o amanhecer nem crepúsculo, mas iludir como se fosse o extasiar do Sol. Como se fosse a transfiguração. O azul escuro dota a pintura de um anoitecer inexistente. É o autocontraste. Proposital.

Nesses dias relendo o Gosto do vento, toda sua elaboração, ainda de certa forma próximo ao que foi o 'Rosto de Fogo Áureo', ambas poesias, imersas em imagens as quais ousei desenhar, mas especialmente este, detém a simultaneidade, como um poderoso elemento potenciômetro, que torna sagaz e intenso, em imaterialidade, capturando o sussurro, a tez, o gosto, a serpente - o movimento instrumental do prazer, de forma sutil, delicada, com belezas que me recaem ainda como sabor, tanto do 'mel de uma vida' (tratando da permanência do sacrifício do amor ao ser amado) e como a suavidade floral, doce, translúcida, incomparável do figo, como uma degustação de amor consumado em idílio. Talvez a audácia que não me dará um caminho de volta, não mais, e ali estou eu em mim enfim, algo que me guarda para eternidade, nos meus olhos, mãos, boca, porque não me desenho, eu me coloco em atitudes transfiguradas em seres dessa imaterialidade. O acontecido. Alma de meu amor idílico.

Os poemas que sucedem dias nebulosos, uma mesclagem com meu espírito vivo, a paisagem, o acontecido, os elementos da natureza, em peculiares escritos, que desses, me reservo a especiaria para 'Poderia' como a mais bela construção da interrogação da pergunta, raridade, mas com o toque de amor definitivo, em algumas frases que me lembram a sensação, pretensiosa eu acho, com amados poetas que tanto admirei.

E 'Tocar da fragrância' são até então, em quatro poemas que se espalharam em livros, possuidoras de um especial encanto para mim, dos perfumes que em mim falavam dessa imaterialidade como um sensitivo jeito de encostar as almas. Essas poesias, são parte da elaboração do 'Novam Scripturam' e eu as tenho no lado mais próximo da centelha de Deus em mim, dentro do coração. Ainda, no caso 'Passion', incute minha voz de emissão de amor, real, junto com elementos dessa cor, em nuances que vagueiam no etéreo onde paladar e fragrância, realizam uma alma gêmea dessa chama.

A 'Eternidade' dentre o jogo de palavras trava línguas tanto quanto 'Beijo dilacerado' é dotada de uma linha de vida, que sai do nascimento até a morte, de forma conceitual, na beleza violenta da vida. A linha vermelha é uma alusão à fita de lã vermelha de Raquel que se amarra no pulso, que inspira compaixão e bondade, que é uma proteção ao mal olhado. Nesse caso, essencialmente, a compaixão e bondade, como o fio espiritual da eternidade.

'Ritual' é minha verbalização à prece própria pela dissolução de energias do carma espiritual, familiar e próprio, como um ato empírico, nasce essa escrita como um par de 'Altar de pedra' entre outros escritos que são por exemplo o 'Herbário místico'. A imersão no verde vivo como um caminho de elevação espiritual, coisa minha, de me integrar às árvores, raízes, Mãe Terra, fauna, flora e assim ter minha surreição.

Gratidão, ao leitor, à leitura, à vossa grandeza de colher das palavras uma reflexão isenta de julgamentos e as luzes puras do amor.

Δ

EDITORIAL

| VERSÃO V0 R07 EDT

ANTERIOR: R06 6 ABRIL 22

FONTES: 1979 TÍTULOS NORMAL: ITC BOOKMAN LIGHT REFERÊNCIA: ITC AVANT GARD GOTHIC

REVISÃO LINEAR, VERSÃO R04 A R06, POR MARA.

REVISORA: A AUTORA.

CONTÉM ERROS, PORQUE SOU ASSIM, IMPERFEITA.

ILUSTRATTIO

Ilustrações de Mara Romaro

Capa

[Illustratio 1] Capa *Immateriale* e Primeiro Mar

20181231 L000 Beijo MA4 O – pintura abstrata do beijo em óleo. [P IMG_2269][DSCN]*

Capitulares

[Ilustratio 2] Primeira cria de amor

201901 L016 Giovanna bebê1 MA5 O – [P IMG_2270][DCSN3155]*

[Illustratio 7] Primeiro grotão

20190207 L016 Primeiro Grotão MA4 O – pintura a óleo de H em 1988. [P IMG_2267]

[Illustratio 3] O gosto do vento

20190128 L016 O gosto do vento MA3 O -pintura de óleo sobre papel específico [P IMG_2190]

Pintura em tinta Lefranc, linhaça cozida Lefranc, verniz de proteção U.V. em papel para tinta óleo.

A pintura foi uma experiência totalmente em conjunto com a elaboração do texto. Houve imersão, empirismo e observação profunda, do figo, da imagem da pessoa, degustação do figo de forma enquanto foi iniciada a pintura, após os esboços de partes, estudos do rosto e corpo. Enquanto pintava a pessoa e o fundo, escrevia, no propósito de que tudo se encerrasse em um dia. Exceto o verniz após secagem natural. O vento adveio do sabor e textura dos filamentos do figo, as palavras continham sibilos de pronúncia que anunciavam o som associado à brisa do mar. As serpentes se tornam diversas coisas. A

poesia incorpora atos e ações. A poesia tinha o propósito de não ser longa, portanto, no ato de pintar, cada percepção era coletada como néctar. As cores foram compradas para este quadro. Alizarina e o azul, branco, acho que o tom bege. O texto e o retrato são coligados e notam-se partículas que salpicam tinta por sobre e que caracterizam o método criativo, 'Novam Scripturam Orbi Saturni'. Este quadro assim como 'Rosto Branco', 'Alizarina', a pintura de Machu Picchu, meu retrato de 88, são experiências que considero primitivas do meu retorno à pintura, quando adquiro as tintas Lefranc, saindo das tintas gato preto que fiz poucas experiências, em papel inapropriado, como é o caso da pintura de minha filha, e H na água. Essas pinturas marcam um autoaprendizado e superação de trauma.

[Illustratio 4] O rosto do vento

20190128 L016 O gosto do vento 3 MA4 E - esboço em lapiseira do rosto, parte do estudo da pintura a óleo [P IMG_2191].

[Illustratio 5] Beijo dilacerado

20181231 L000 Beijo MA4 O – pintura abstrata do beijo em óleo. [P IMG_2269]

Essa pintura em tinta Gato preto, em papel comum, era um experimento, o ato empírico em minha condição embriagada, para em tintas jogadas fazer uma pintura espontânea dos rostos, as luminosidades deles em sua indefinição na minha mente, sem nenhuma imagem que subsidiasse, ou foto, ou alguma cena, era para ser a criação das sombras da mente e foi. Lamento não ter tinta profissional e ter usado nessa.

[Illustratio 6] Tocar da fragrância *Passion*

20190413 L016 Rosto Alizarina MA4 O – Pintura de dois planos, cores e traços do esboço em preto e branco. [P IMG_2899]

Tinta Lefranc, medium – linhaça cozido Lefranc, verniz de proteção U.V., sobre papel.

O Rosto Alizarina foi o esboço do rosto do Gosto do Vento, a Alizarina é um plano que transforma a tez em figo, o âmago do figo, como um plano pintado com sutis sombreados da face, da face permito olhos e boca, não concentro grandes detalhes da feição, pois a foto era pequena, o rosto foi ampliado, e minha habilidade de pintura era nessa época, inexata, buscava experimentar camadas de filetes de tinta. Desse mesmo esboço, foi pintado um rosto branco, com filetes de cores que foram sobrepostos com tinta branca sobre papel branco, e dessa experiência nasceu essa pintura, cujos traços, o cabelo, se tornam essas fitas, tiras brancas que contrastam com o figo, com uma estranha compactação da florada interna do figo, como uma flor única – a tez, digamos queimada do Sol, ou rosada do fustigar da vida, ou marcante pelo tom da pele, que não era alizarina, mas se torna figo, como casca, como âmago, como uma derivação do que é a ocorrência metafórica do Gosto do Vento. É também uma maneira da camuflagem do verdadeiro rosto, algo que protegeria minha audaciosa pintura. A alizarina também incorpora a amora, o sangue, a intensidade, o vinho, elementos simbólicos do amor, desse amor etéreo.

Escrito em setembro – 2018 a abril 2019. Finalizações abril 2022.

Status: *promptus*. Versão edt comemorativa 55 anos.

V0 R07 – 06 julho 2022